

ANTROPOLOGIA SOCIAL

diretor: Gilberto Velho

- O Riso e o Risível
Verena Alberti
- Falando da Sociedade
Outsiders
Howard S. Becker
- Antropologia Cultural
Franz Boas
- O Espírito Militar
Evolucionismo Cultural
Os Militares e a República
Celso Castro
- Nas Redes do Sexo
María Elvira Díaz-Benítez
- Da Vida Nervosa
Luiz Fernando Duarte
- Bruxaria, Oráculos e Magia
entre os Azande
E.E. Evans-Pritchard
- Garotas de Programa
Maria Dulce Gaspar
- Nova Luz sobre a Antropologia
Observando o Islã
Clifford Geertz
- O Cotidiano da Política
Karina Kuschnir
- Cultura: um Conceito Antropológico
Roque de Barros Laraia
- Autoridade & Afeto
Myriam Lins de Barros
- Guerra de Orixá
Yvonne Maggie
- De Olho na Rua
Julia O'Donnell
- A Teoria Viva
Mariza Peirano
- Cultura e Razão Prática
- História e Cultura
- Ilhas de História
- Metáforas Históricas e
Relidades Míticas
Marshall Sahlins
- Os Mandarins Milagrosos
Elizabeth Travassos
- Antropologia Urbana
- Desvio e Divergência
- Individualismo e Cultura
- Projeto e Metamorfose
- Rio de Janeiro: Cultura,
Política e Conflito
- Subjetividade e Sociedade
- A Utopia Urbana
Gilberto Velho
- Pesquisas Urbanas
Gilberto Velho e
Karina Kuschnir
- O Mistério do Samba
- O Mundo Funk Carioca
Hermano Vianna
- Bezerra da Silva: Produto do Morro
Leticia Vianna
- O Mundo da Astrologia
Luís Rodolfo Vilhena
- Sociedade de Esquina
William Foote Whyte

NAS REDES DO SEXO

Os bastidores do pornô brasileiro

*A todas e todos os protagonistas desta pesquisa,
a meus pais e irmãos.
A Rafael e a nosso filho Gael, com devoção.*

Copyright © 2010, María Elvira Díaz-Benítez

Copyright da edição brasileira © 2010:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja | 20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2108-0808 | fax (21) 2108-0800
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Eduardo Farias, Tamara Sender | Projeto gráfico: Carolina Falcão
Capa: Sérgio Campante | Foto da capa: © Adrianna Williams/Corbis

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D538n Díaz-Benítez, María Elvira
Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro / María Elvira Díaz-Benítez.
– Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

(Antropologia social)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-0257-1

1. Filmes eróticos – Brasil – História e crítica. 2. Filmes eróticos – Brasil –
Produção e direção. 3. Atores e atrizes de cinema – Brasil. 4. Sexo no cinema.
I. Título. II. Série.

10-1805

CDD: 791.436538
CDU: 791.226

SUMÁRIO

Prefácio	
Antropologia, transgressão e estilos de vida, GILBERTO VELHO	9
Introdução	11
1. Preliminares	27
O recrutamento, 27 • <i>Casting</i> e processo de seleção, 62 • Rituais pré-filmagem, 67	
2. Transa	89
Ação, 89 • A encenação do sexo pornográfico, 98 • Sexo coreográfico e (dis)posições de gênero, 108 • Algumas variações coreográficas, 123 • Sexo sem camisinha: comportamento de risco?, 128	
3. Consumo	137
A consumo da coreografia, 137 • A consumo dos femininos, 142 • A consumo da filmagem, 147 • A consumo do produto ou pós-produção, 149 • Consumando a distribuição, 157	
4. Elenco	171
A carreira de atriz/ator pornô, 171 • Tecidos biográficos, 186 • Percursos dissidentes, 202 • Deslocamentos, pontos de inflexão, escolhas, 204 • Arranjos conjugais, 209 • Ética do instante, 214	
<i>Notas</i>	219
<i>Referências bibliográficas</i>	229
<i>Agradecimentos</i>	237

1. PRELIMINARES

O recrutamento

A realização de um filme pornô demanda uma ação coletiva caracterizada por várias etapas básicas e complementares. Uma delas consiste no recrutamento do elenco. Analisarei essa parte do processo focando o *mercado*, os *recrutadores* e os *recrutados* para abarcar a questão como um todo e aprofundar as relações que se estabelecem entre eles.

O recrutamento do elenco é uma etapa essencial na produção de filmes pornô. A própria estrutura do mercado brasileiro exige a inclusão constante de novos rostos, por isso recrutar é uma atividade que não para nunca. Contudo, essa não é, necessariamente, a primeira etapa da ação coletiva, ainda que neste livro figure dessa forma. A produção como um todo é um processo cíclico: enquanto as capas de alguns filmes em DVD estão sendo finalizadas e outros estão sendo lançados, novas cenas vão sendo gravadas. Nesse meio-tempo, os recrutadores permanecem em busca de novo elenco. A espiral da ação coletiva atua ainda em outro sentido, uma vez que o recrutador também foi recrutado por alguém da rede pornô para o exercício dessa função.

Devido a esse caráter cíclico, eu poderia começar este livro por outro ponto para explicar as maneiras como se produz pornô. Início pelo recrutamento de ambos os sujeitos da interação – os recrutadores, a partir da análise de suas trajetórias, e os recrutados – por questão de ordem prática: se uma empresa novata ou mesmo um diretor amador deseja produzir um filme, além da aquisição dos equipamentos técnicos (que podem se reduzir a uma simples câmera), o primeiro passo consiste no recrutamento do elenco. Assim, com relação aos recrutadores, examinarei suas trajetórias e as diferenças em relação às posições que ocupam na ação coletiva. Desse modo, relato como se chega a esse ofício e qual o aprendizado ou conhecimento necessário para exercê-lo.

Quanto aos recrutados, explorarei as características que os tornam atra-
tivos para os recrutadores apresentando os nexos entre eles e os diversos

espaços da indústria do sexo e dando especial atenção aos contextos de recrutamento. Por se tratar de uma atividade que existe na interação, examinarei os métodos empregados para esse fim e os códigos que os indivíduos conhecem e usam, dependendo do lugar que ocupam dentro da indústria e do momento mesmo da negociação. Finalmente, analisarei os critérios de seleção estabelecidos para o recrutamento em relação aos diversos tipos de filmes produzidos.

Os recrutadores

Embora haja pessoas que exerçam básica ou preferencialmente a tarefa de recrutar, não se trata de um trabalho exclusivo. Fotógrafos, diretores, produtores, ou mesmo atores e atrizes podem, em algum momento de suas trajetórias, especializar-se nesse ofício ou por ele incursionar por motivos aleatórios.

Pelo fato de o recrutamento ser uma atividade em vários aspectos realizada de maneira contingente, é muito difícil definir uma “geografia” específica da ocupação e determinar, por exemplo, o número de pessoas que a exerce. À diferença dos maquiadores, cameramen e diretores de pornô, que precisam de um treinamento técnico especializado, sendo geralmente estáticos em sua função, o ofício de recrutador está conformado, por assim dizer, em um circuito de *pessoas móveis*. No entanto, algumas trajetórias destacam-se dentro da rede e chegam a ser reconhecidas pelos próprios sujeitos que nela transitam, proporcionando um status dentro dessa atividade particular. É em algumas dessas trajetórias que este capítulo se centrará.

Logo de início, uma ressalva precisa ser feita. Dificilmente os recrutadores referem-se a si mesmos dessa forma, embora costumem nomear a atividade que exercem como “recrutamento”. Alguns se autodenominam *agentes* ou *agentes de elenco*, *assistentes de produção*, ou simplesmente não atribuem um nome específico a essa atividade, e sim às outras funções que exercem no coletivo. Nenhum dos recrutadores que conheci que também agenciam pessoas para a prostituição se automeiam *cafetão* ou *cafetina*, maneira como são apelidados pelos recrutados. As experiências desses últimos personagens são interessantes na medida em que expõem as fronteiras possíveis entre a atividade do recrutamento para filmes – que se encaixa

dentro dos termos da legalidade, sempre que efetuada com pessoas maiores de 18 anos – e aquelas que transgridem as leis, como a cafetinagem e o agenciamento para migrações com fins de trabalho sexual.

Mauro

Mauro caminhava pela rua Indianópolis sempre à noite, quando as calçadas começavam a se encher de *bonecas*, como são denominadas as travestis nessa indústria. Atento, deambulava também pela rua Amaral Gurgel, desviava em direção à República, passando pela Consolação. Mauro ainda não tinha carro. Era 1997 e ele acabava de se estabelecer em São Paulo, depois de passar por Recife (PE), Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ), onde fez seus primeiros filmes. Tornou-se diretor por acaso. Em Recife, sua cidade natal, trabalhava como camelô. Mas quando conheceu Omar, um diretor que lhe propôs iniciar-se na produção de filmes pornô no Nordeste – já que em São Paulo havia perseguição policial naquele momento –, Mauro abraçou a ideia sem pensar duas vezes, pois, como ele mesmo diz, sempre amou “putaria”. Começou fazendo fotografias, em seguida atuou como assistente de câmera. Nunca foi ator, embora tenha participado de algumas filmagens como “dublê de pau”, substituindo, sem mostrar o rosto, atores que apresentavam dificuldades para manter a ereção.

Depois que ficou preso em Salvador durante uma semana, sob a acusação incomprovada de corrupção de menores, decidiu mudar-se para localidades mais seguras: praias naquela época desertas, nos litorais do Rio e de São Paulo. Seu grande salto à direção de filmes ocorreu há 13 anos, quando uma legendária revista erótica, ligada à maior produtora pornô do país, organizou seu primeiro *baile de carnaval* (representação de uma orgia). Foi um grande sucesso de vendas. Assim teve início sua trajetória no cinema pornô: mudou-se inicialmente para o Rio com sua única filha e, ao cabo de oito meses, ambos instalaram-se em São Paulo, onde moram até hoje. Empresa e diretor começaram praticamente ao mesmo tempo, e como na época a produtora era pequena, as funções de diretor alternavam-se com as de agenciador, câmera, fotógrafo etc.

* Expressões e categorias êmicas serão colocadas entre aspas ao longo do texto.

Isso explica o fato de Mauro, mesmo sendo diretor, caminhar várias noites por semana pelas ruas paralelas ao Minhocão – como é conhecido o elevado Presidente Costa e Silva –, escolhendo as bonecas que achava mais bonitas e convidando-as a participar de suas produções. De fato, a empresa cresceu com as séries cujas protagonistas eram travestis. Eram os filmes mais vendidos, responsáveis pela expansão de sua rede em direção a distribuidores estrangeiros. Devido à demanda por um elenco numeroso e por constante renovação, o recrutamento era árduo. Algumas bonecas viraram *porn stars*. Uma das mais célebres foi rebatizada por Mauro como Susana Holmes, em homenagem ao astro pornô americano John Holmes e aos 30 centímetros de extensão de seu pênis. Mauro tem hoje 40 anos e é o diretor que executa o maior número de filmes no país dentro da principal produtora brasileira – entretanto, continua exercendo o ofício de recrutador, como no começo.

Cidinha

Em 1998, o bar da Cidinha já tinha se convertido em um ponto de encontro chave, localizado em uma praça, em pleno Centro de São Paulo, frequentada por travestis, garotas de programa e *boys*, como são denominados os *michês* ou garotos que se dedicam à prostituição. Cidinha tinha 22 anos. O bar – que durante o dia funcionava como lanchonete – atraía o público da região, formado por moradores, por profissionais do sexo e pelo segmento GLS. Migrante do interior de São Paulo, Cidinha sempre quis ter um “bar gay”, pois, como mulher lésbica, sentia-se, assim, entre pares. Aos poucos o local foi se transformando em um ponto no qual eram geradas algumas redes de cooperação, amizade e solidariedade. Lua Mandala, uma boneca que fez pornô na mesma época, contou-me que ali encontrava refúgio quando a polícia fazia uma batida em que “apenas dava tempo para tirar os saltos dos pés” e correr, descabelada. Ao chegar ao bar da Cidinha encontrava as amigas, também a salvo, compartilhando o nervosismo e a experiência de serem travestis e alvo dos PMs.

Os clientes do sexo estacionavam seus carros em frente ao estabelecimento. Ali chegava o ator Fábio Scorpion, bastante conhecido no meio, que fazia recrutamento para filmes da produtora que o lançou à fama. Nesse lugar Mauro também encontrou maiores possibilidades de fazer uma boa se-

leção para o elenco de suas produções. Sentado no balcão, bebericando uma cerveja, era mais simples abordar as pessoas, falar de cachê, seduzi-las.

Desde a sua chegada em São Paulo, o cotidiano de Cidinha era habitado por esses indivíduos da noite, especialmente bonecas – “não consigo me desligar delas”, me disse uma vez. Diante de tamanha proximidade com esse universo, Cidinha era a pessoa perfeita para se associar a Mauro, que lhe fez a proposta de procurar elenco para seus filmes em troca de comissão. Seu bar virou, então, uma espécie de escritório de recrutamento: Mauro só precisava buscar, com sua nova van, as pessoas que Cidinha agenciava, ou esperar que elas chegassem às locações escolhidas para as filmagens. Essa estratégia durou até 2003, quando o bar fechou. Então ela passou a se dedicar, em tempo integral, ao agenciamento de *boys*, garotas e bonecas (que Cidinha também chama de *transsex*) para filmagens e programas. Na época, também implementou um esquema com Chico, um amigo brasileiro que mora em Milão, para agenciar a viagem de *michês* e travestis para a Espanha e a Itália. As garotas só entraram em suas agendas de viagem em 2006. Algumas de suas apadrinhadas eram atrizes pornô cujos filmes tinham tido boa recepção nesses países. Por tal motivo, começaram a ser requisitadas pelo mercado pornográfico de lá e por clientes que desejavam contratá-las como garotas de programa, pedindo então a Chico que agenciasse suas viagens.

O Japonês e Barry

O Japonês é paulistano de nascimento, filho de imigrantes japoneses. Tem cerca de 50 anos, formou-se em administração, mas sua verdadeira paixão desde garoto sempre foi a fotografia. Com menos de 20 anos, começou a trabalhar como fotógrafo de casamentos e essa foi sua especialidade por quase uma década. Nesse meio-tempo, casou-se e teve dois filhos, que cursam universidade. Com o passar dos anos, expandiu seus serviços para a publicidade. Nesse novo universo, conheceu Cássio, fotógrafo de uma conhecida produtora pornô, e através dele entrou em contato com o meio. Cássio gostou do trabalho do Japonês. Avaliou que suas fotografias tinham qualidade suficiente e que ele poderia voltar-se para revistas eróticas e filmagens. A princípio, o Japonês não aceitou a sugestão devido à sua inexperiência no ramo, mas, paulatinamente, Cássio passou a usar o estúdio dele para foto-

grafar mulheres em ensaios eróticos e foi assim, observando, que o Japonês aprendeu essa nova linguagem.

Em meados de 1998, Cássio apresentou-o a Vini, dono da produtora para a qual trabalhava, que lhe deu a oportunidade de fazer a fotografia de um filme. Seu trabalho foi imediatamente aceito – a imagem escolhida para a capa foi tão bem-sucedida que marcou o início de sua carreira dentro do pornô.

Como membro da equipe de uma pequena produtora, o Japonês passou rapidamente a exercer outras atividades, mas sua função principal era o recrutamento de elenco. Entre seus pares, sua trajetória é reconhecida: é uma das pessoas mais queridas e respeitadas do circuito, por ser considerado delicado e cortês e por valorizar os colegas. Essa fama positiva facilita seu trabalho como recrutador, e muitos do elenco acreditam que ele é o diretor geral das filmagens ou até mesmo o dono da empresa, tamanha é sua exposição em comparação aos demais membros da produtora.

Suas funções de recrutador e fotógrafo coexistem e alimentam-se mutuamente, já que ele provê ensaios para diversas revistas eróticas que também exigem a renovação de rostos. Assim, quanto mais mulheres consegue recrutar, maior a quantidade de fotografias novas e maiores as chances de aproveitar essas pessoas nas filmagens. Diante da necessidade de renovar as modelos das revistas e das produções, o Japonês acabou empreendendo uma parceria com o fotógrafo Barry, a quem recrutou como recrutador. Barry é paulistano, tem 38 anos, é solteiro e autodidata.

Em 2005, um amigo próximo convidou Barry para uma sessão de fotografias de garotas cujo destino era uma conhecida revista erótica vendida em bancas de jornal. Depois dessa primeira experiência, continuou acompanhando as sessões, ora dando assistência técnica à equipe, ora contribuindo com suas próprias fotografias. Durante um ano e meio, permaneceu nesse esquema informal de trabalho, o que lhe permitiu conhecer um número considerável de mulheres, muitas das quais trabalhavam exclusivamente para revistas masculinas, dispensando propostas para realizar sexo explícito.

Sua proximidade com essas mulheres fazia de Barry uma pessoa atrativa para o mercado. O Japonês foi o primeiro a lhe propor uma entrada concreta no pornô. Assim, o que começou como uma parceria para a troca de modelos terminou com o agenciamento total de elenco. Já como recrutador, Barry passou a sistematizar dados e fotografias das mulheres em seu com-

putador. Seu apartamento, no Centro, próximo das zonas de boates e *privês*, converteu-se em escritório de recrutamento reconhecido dentro da rede. E, desde 2007, os rapazes entraram também em seus roteiros. Além do recrutamento para revistas e filmes e de seu trabalho paralelo como fotógrafo, Barry agencia garotas para trabalhar em sites internacionais de strip-tease interativo, tendência crescente no mercado do sexo.

Vanessa

Vanessa, paulistana, tem 32 anos. Formou-se em educação física aos 24 anos, mas nunca trabalhou nessa profissão. Em 2002, quando procurava emprego, encontrou um anúncio no jornal que chamou sua atenção: “Precisa-se de mulher para atendimento ao público com conhecimento na área comercial.” Tratava-se de um site para acompanhantes e essa foi sua primeira incursão no circuito da indústria sexual. Antes, sempre desempenhara trabalhos “normais”, como ela mesma define: secretária, recepcionista, assistente de tesouraria, funcionária de hotelaria, auxiliar administrativo e assim por diante. No começo, foi encarregada de proporcionar um atendimento básico: cuidar dos contratos das pessoas que desejavam, por intermédio do site, oferecer serviços de atenção ao cliente. Logo, foi promovida ao departamento administrativo, onde passou a se responsabilizar pelo contrato com os assinantes e pela venda dos espaços comerciais do site, ou seja, lugares de destaque na página principal em que as garotas ficariam em evidência, o que lhes asseguraria uma demanda maior por parte dos clientes. Esses espaços comerciais são igualmente vendidos para a divulgação dos serviços de outras empresas ligadas ao circuito do erotismo: saunas, motéis, *sex shops*, casas de swing, *privês*, clubes noturnos, distribuidoras de brinquedos sexuais, clínicas de massagens e filmes de diversas produtoras.

Trabalhando nesse site conheceu um fotógrafo, membro de uma equipe de americanos que produzia filmes pornô com elenco brasileiro. Por meio dele, em 2005, teve início sua carreira no pornô, trabalhando primeiro como auxiliar. Quando conheceu o Japonês, passou a exercer uma das maiores responsabilidades da equipe: o recrutamento do elenco. Sua fama como recrutadora cresceu rapidamente entre produtores e diretores de outras empresas, rede relativamente estreita na qual todos se conhecem. Dessa maneira, Vanessa passou a prover também elenco para Mauro.

Zílio

Zílio nasceu no interior de São Paulo e tem 43 anos. Em 1983, aos 16 anos, quando assumiu publicamente sua homossexualidade, os pais o expulsaram de casa. Mudou-se então para a capital paulista. Formou-se em enfermagem. Trabalhou durante dez anos em diversos hospitais e postos de saúde. Em um desses lugares, conheceu Pedro, dono de uma reconhecida produtora de filmes gay, hoje extinta, que costumava fazer exames médicos de rotina. Assim nasceu seu interesse por esse mundo, até então desconhecido para ele, e Pedro começou a ensinar-lhe como um filme é produzido. Pouco tempo depois, Zílio passou a alternar o trabalho no hospital com atividades dentro da produção de pornô. Seu primeiro desafio consistiu em escrever o roteiro para um filme com enredo cujas cenas iniciais – quando os protagonistas se conhecem e ocorre o ritual de “pegação” – seriam filmadas no parque do Ibirapuera, às 10 horas da manhã, enquanto centenas de pessoas transitavam ou faziam exercícios físicos no local. Zílio logo passou a ser a pessoa encarregada de procurar os locais para as filmagens, preparar os cenários e cuidar para que não faltassem alimentos e produtos de limpeza e beleza para os rapazes do elenco.

Em 1999, Zílio sofreu um acidente de trabalho que lesionou os tendões de seu braço esquerdo, fazendo com que este perdesse a força e os movimentos por um longo período. Foi então afastado do hospital por invalidez. Tal episódio marcou o momento de sua incursão definitiva no mundo pornô. Enquanto ganhava experiência com Pedro, outras empresas, especialmente as de filmes gay, começaram a recrutá-lo de maneira freelance para suas produções. Atualmente, Zílio atua como produtor de filmes tanto para DVDs como para sites.

Márcio

De modo distinto dos demais recrutadores mencionados, Márcio é o único que faz filmes apenas no Rio de Janeiro e com elenco majoritariamente carioca. No começo da década de 90, formou-se em direito em uma universidade pública. Paralelamente, cursou administração. Embora não tenha completado a faculdade, é na área de administração que tem trabalhado nos últimos 18 anos, o que fez dele “um homem de negócios”, como diz de

si mesmo. É dono de uma empresa de multimídias que gerencia projetos de marketing e fornece tecnologias para outras empresas.

Um dia, Márcio conheceu uma equipe de americanos que, com certa frequência, fazia filmes pornô com elenco brasileiro. Eles o contrataram para produzir um multimídia com fotos de nus e cenas curtas de sexo explícito que serviria para a divulgação do produto. Esse acordo repetiu-se em diversas ocasiões até que Márcio recebeu uma proposta um pouco mais estável: mediante encomenda, deveria produzir por conta própria cenas de sexo explícito e vendê-las à equipe estrangeira, que, dessa forma, já não precisaria se deslocar constantemente ao Brasil. Márcio entrou nesse esquema de produzir cenas avulsas de sexo e enviá-las em estado bruto para os Estados Unidos, onde a equipe se encarregaria de editá-las, juntá-las e comercializá-las como um filme. Foi assim que virou produtor e diretor independente de *video adulto*, como nomeia seu produto, e passou a prover material para um conhecido canal brasileiro de televisão que exhibe filmes pornô. Sua empresa de multimídias, em Copacabana, funciona como escritório de recrutamento. Márcio tem 43 anos e trabalha também como professor de finanças em uma universidade particular.

A PARTIR DESSAS TRAJETÓRIAS, interessa-me ressaltar duas questões. A primeira é o *acaso*. As pessoas que participam das equipes de pornô nas funções de recrutamento ou de produção dificilmente abraçam a atividade como um *projeto*, no sentido definido pelo sociólogo e filósofo austríaco Alfred Schutz: uma conduta organizada para atingir finalidades específicas. Muito ao contrário, é um convite imprevisto ou um encontro casual que detona as possibilidades de inserção nessas redes. Contudo, só o acaso não a explica; precisa-se de disposição para conhecer de perto um mundo desconhecido para a maioria e que sofre estigmatização. Os motivos podem ser variados: *curiosidade*, como no caso de Zílio; *afinidade*, como para Mauro, que afirma “sempre ter amado putaria”; *proximidade* com mundos contíguos, como com Cidinha e Barry; ou *anseios econômicos*, conforme ocorreu com Márcio, que, sendo “um homem de negócios”, viu na pornografia a possibilidade de expandir seu capital. Tais dispositivos se entrecruzam em algumas trajetórias. Por outro lado, interessa-me igualmente chamar a atenção sobre as habilidades que devem ser desenvolvidas para

se exercer o ofício de recrutador, ou seja, para o aperfeiçoamento de uma espécie de *dom* ou talento relativo ao aprendizado de um tipo estratégico de *olhar*.

Recrutados, contextos de recrutamento e interação

Há vários tipos de filmes pornô para responder aos distintos mercados e, nesse sentido, existem também diversos indivíduos e corpos alvos de recrutamento. Centrei minha observação na produção de filmes que a indústria pornográfica nomeia como *heterossexual* ou *hétero*, *gay* e *travesti*, este último também conhecido no mercado mundial como *trans*, *she-males*, *Tranny* ou *lady-boy*. Os sujeitos que interessam maciçamente aos recrutadores são, sobretudo, as mulheres – corpos fundamentais para a produção do pornô *hétero*, considerado *mainstream* por excelência – e rapazes, existindo uma diferenciação entre os que são encaminhados para filmes *hétero* e os que são encaminhados para filmes *gay*. Enquanto os primeiros permanecem por longas temporadas no circuito, sem um recrutamento efetivo, os rapazes de filmes *gay* precisam ser renovados em resposta às demandas do mercado. Finalmente, as travestis conformam o principal mercado pornô distribuído fora do Brasil, por isso é grande a quantidade de filmes feitos com elas e, portanto, intenso o seu recrutamento.

O recrutamento é efetuado em distintos contextos, muitos deles ligados à prostituição e ao mercado do sexo: ruas, saunas, boates, *privês*, casas noturnas e sites. Além disso, recruta-se também por meio do conhecimento das redes de moradia de diversas pessoas que transitam por tais circuitos.

Rua

No momento em que fiz a pesquisa, o recrutamento de rua não era mais um método popular entre os agentes de elenco. Alguns o efetuavam de maneira esporádica; outros já o haviam excluído de seus roteiros. Entre eles, só Cidinha ainda era uma assídua recrutadora de rua e, por esse motivo, minha única experiência *etnográfica* com essa técnica foi vivenciada em sua companhia. Os outros dados aqui expostos correspondem a depoimentos dados pelos recrutadores.

Sem o bar, Cidinha teve que expandir seus métodos. Começou a visitar boates e ruas por onde circulam trabalhadores do sexo. Uma vez aí, deveria olhar para as pessoas que tinham “jeito” – como ela diz – e abordá-las. “O que é ter *jeito*? Como é que você sabe que aquela pessoa pode topa fazer filme?”, perguntei a ela durante uma entrevista em seu apartamento. Ela respondeu: “Tipo assim, eu tenho que olhar e ver: é o jeito assim... com *boy*, a gente tem que olhar direitinho; tem que ter aquele jeito assim, bonito, aquele jeito saudável, de limpeza, porque senão eu não pego não. Eu olho, assim, e já falo: aquele aí vai dar pra fazer.” Os olhos dos recrutadores atuam como os olhos da indústria. Supõe-se que aquilo que eles enxergam nas pessoas, graças a um treinamento especializado da percepção, é também aquilo que vai obter respostas positivas no mercado. Quando o recrutador vê, ele já está antecipando o olhar do consumidor, já consegue vislumbrar em que tipo de representações pode incluir o dito sujeito e já estabelece um mapa de classificação.

Em minha primeira saída de campo com Cidinha, começamos subindo pela rua Augusta em busca de uma cerveja. Sentamos em um dos primeiros botecos que encontramos pelo caminho. Pedimos uma garrafa de Skol e dois salgadinhos. Cidinha falava comigo, mas poucas vezes olhava meu rosto. Permanecia inquieta, observando as pessoas que caminhavam, as que estacionavam em algum ponto da rua e as que entravam em alguma casa noturna. Tinha aquele olhar de quem está procurando algo e tentando reconhecer no outro os sinais de um código¹ próximo e familiar. Ela perscrutava os corpos que desciam e subiam pela rua, por aquele “espaço de circulação desejante”.² Seu olhar até poderia parecer de “paquera” (e até poderia confundir-se com meu próprio olhar *etnográfico*, apesar de eu não partilhar aqueles *códigos*). Enquanto contemplava os outros, ao mesmo tempo os sexualizava: sua visão movimentava-se sob o detonador da expectativa erótica, mas não para seu próprio deleite sensorial, pois dizia que o tipo de garotas que procura para a indústria não representa exatamente o estilo de mulher que desperta seu desejo. Então, se “pintasse alguém”, poderia recrutar a pessoa para os programas que agencia ou para uma produção pornô.

Enquanto bebíamos a cerveja, Cidinha notou uma garota que tomava um chope perto de nossa mesa. “Bonita, né?”, disse. “É”, respondi. A moça sentiu-se observada. Em intervalos de poucos segundos virava dissimula-

damente seus olhos em nossa direção, balançando sua cabeleira negra. As duas começaram a se comunicar por meio desses olhares recíprocos e intermitentes. Operou-se nesse instante aquilo que o filósofo e sociólogo alemão George Simmel anuncia sobre o olhar como um canal de comunicação que aproxima duas pessoas desconhecidas.³ Ela vestia uma calça jeans colada ao corpo e calçava botas de cor marrom, que, por cima da calça, chegavam à altura do joelho. Não foi possível ver sua blusa porque naquela noite um vento frio soprava na cidade e ela vestia um casaco de tecido fino com gola de pelúcia. Não me pareceu uma garota de programa, ou pelo menos não se ajustava a meu estereótipo. Achei seu estilo idêntico ao das adolescentes “moderninhas” que perambulam perto do Frei Caneca.* “Mas ela é garota, Cidinha?” “Meu, Elvira, fala sério!”

Alguns minutos depois, pouco antes de deixarmos o local, Cidinha aproximou-se da moça, trocaram algumas palavras que não consegui escutar e despediu-se, entregando-lhe um papel que continha seu nome, seu telefone celular (nunca o fixo) e os dizeres: “Agenciadora de elenco.” Explicou-me que muito provavelmente a garota não teria interesse em participar de filmagens e não ligaria. Mas sair à procura é também uma questão de sorte e não é exagero usar a metáfora da pesca. Cidinha “joga a rede”, entrega seus dados a todos aqueles que chamam sua atenção. Se o momento permitir, fornece maiores explicações, mas, no recrutamento de rua, isso dependerá da rapidez do acaso.

Cidinha diz que sabe reconhecer alguém do meio apenas com um olhar e jura que nunca erra em sua apreciação. Essa habilidade, explica, foi sendo adquirida durante os muitos anos de convivência com pessoas que se dedicam à prostituição, com seus estilos de vida e suas maneiras de apresentar-se ao mundo, mas, especificamente, em um contexto de transação de rua, com suas formas de colocar o corpo em cena, isto é, de construir um sujeito para esse *palco*.⁴ Diversos antropólogos têm dissertado sobre o olhar como um comunicador não verbal e como identificador recíproco de pessoas que possuem afinidades ou interesses de interação.⁵ Um experiente recrutador de rua está treinado para identificar seus “alvos” por meio de seu olhar; ele sabe

* Conhecido como shopping “Gay Caneca” e “Frei Boneca” pela alta frequência de homens homossexuais ou travestis.

movimentar-se pelas redes de fluxos e de sinais que organizam a prostituição e o acaso. Além do olhar, distingue outros tipos de sinais corporais que ajudam a desvendar quem pertence ao circuito, diferenciando-o de pessoas que perambulam pela noite, percorrendo os mesmos territórios móveis, às vezes com estilos e estéticas similares.

No caso dos *michês*, alguns *marcadores corporais* são fundamentais para o olhar do recrutador: seu *jeito de caminhar*, as *performances de virilidade*, as *roupas*, as *falas*, os *gestuais*, a *maneira de posicionar-se em um ponto da rua* ou até mesmo de *fumar um cigarro* fazem parte de uma linguagem performativa, obedecendo a certa *cenificação generificada** do corpo.⁶ Esses *indícios que fazem gênero* são essenciais na constituição da subjetividade e da *corporalidade* desses indivíduos, operando como *marcas sociais* que os posicionam nas *relações face a face* e proporcionam *informações* acerca do sujeito que as possui ou exerce.

Os recrutadores procuram, então, garotos “sarados” e másculos porque é aquilo que o mercado, tanto *hétero* como *gay*, privilegia. Já os rapazes *efeminados* ou “*bichas pintosas*” posicionam-se como um *sem-lugar na indústria pornô*. Em geral, os poucos filmes *gay* feitos com *pintosas* ou com *montadas* – rapazes que vestem ou se “montam” de mulher para contextos específicos – possuem um *caráter jocoso e cômico* cuja finalidade é mais causar riso do que excitação. Além dos *rapazes viris*, existe outro estilo de rapaz bastante requisitado pela indústria pornô *gay* e que atualmente ocupa o topo da preferência. Esses rapazes são encontrados no Centro da cidade, no largo do Arouche, na rua da República e imediações, especialmente nas ruas Bento e Rego Freitas. Trata-se de garotos de *corpos definidos*, porém mais magros, geralmente de baixa estatura e de *aparência adolescente*. Na indústria pornô são chamados de *lolitos* ou *nin fetos*, denominações que batizam também algumas das séries por eles protagonizadas. Nesse universo, a juventude persiste como um valor, chegando-se até mesmo ao ponto de um rapaz com mais de 25 anos ser considerado velho para o mercado. Os *lolitos* que conheci têm, em sua maioria, entre 18 e 21 anos – certamente alguns têm

* Com a expressão *generificada*, refiro-me a marcas, trejeitos, estilos e performances corporais que criam uma ideia de gênero ou que *fazem gênero* em relação ao masculino ou feminino.

mais do que isso, mas, a julgar por seus aspectos físicos juvenis, lhes é fácil mentir a idade e serem convincentes.⁷ Por sua vez, garotas com o mesmo tipo de aparência também são amplamente requisitadas pela indústria, pois, no pornô, existe uma grande valorização da juventude, uma extrema sexualização do corpo jovem. Internacionalmente, os filmes protagonizados por *lolitas* são denominados *teens* ou *teenagers*.

As conversas na rua são diretas e, em geral, curtas. Às vezes, reduzem-se a um simples: "Você quer fazer filme?", "Se quer fazer, me ligue." Espera-se que o recrutado pergunte o valor do cachê. Nesses casos, os recrutadores podem sugerir falar a respeito em outro momento (o mais rapidamente possível, devido à velocidade do esquema para a elaboração das filmagens) ou mencionar os valores aproximados, levando em conta que os preços pagos por cada cena variam de acordo com a capacidade econômica da produtora e as práticas sexuais sugeridas. É comum também os recrutados perguntarem sobre o uso de camisinha na filmagem, e esse é o fator que mais altera os valores do cachê. Um recrutado experiente sabe que quando os valores oferecidos são mais baixos que R\$ 500 por cena (geralmente em torno de R\$ 300), o sexo naquele filme será feito com camisinha. Valores mais altos denotam uma ambiguidade em relação ao uso do preservativo. Mas, em geral, valores superiores a R\$ 800 por cena significam que o uso da camisinha será dispensado.

A abordagem de rua é talvez um dos métodos mais difíceis de recrutamento, porém, tem sido bastante eficaz para Cidinha e outros recrutadores que, como ela, não abrem mão da possibilidade de encontrar na noite as musas das novas produções. Contudo, tal método oferece melhores resultados, quantitativamente, para *boys* e *bonecas*. As travestis conformam uma rede na qual o recrutamento na rua oferece resultados eficazes: as ruas Indianópolis e Amaral Gurgel são até hoje territórios visitados por agentes de filmes nacionais e por recrutadores e produtores de filmes estrangeiros que utilizam elenco brasileiro.

Diferentemente dos anos 90, momento em que a indústria pornô começava a se consolidar no Brasil, hoje o recrutamento de rua é um dos métodos menos utilizados. Isso se deve, por um lado, ao crescimento de outro tipo de oferta sexual pública: sites e agências de garotas e garotos de programa, por exemplo. Por outro lado, deve-se também ao fato de os próprios agentes

acreditarem que o recrutamento de rua acarreta certos riscos. Por trás da prostituição em geral, e mais ainda em se tratando da modalidade de rua, esconde-se um conjunto de ideias a respeito de redes marginais em que os indivíduos são estigmatizados por uma imagem associada ao perigo. Existe uma hierarquização nos modos de se exercer a prostituição, e a rua está no patamar mais baixo, encontrando-se sempre simbolicamente associada à figura do "malandro", do "trapaceiro", do "desordeiro" e do "ladrão". Acredita-se que essas pessoas estejam mais predispostas a não cumprir o itinerário da filmagem, a tirar proveito da situação, enganar ou roubar, se tiverem a oportunidade.

Zilio classifica os indivíduos que chegam às redes de produção pornô em quatro níveis: A; B elevado; B; e C. Para ele, os primeiros seriam:

Pessoas que têm família, têm uma vida social razoável, têm uma casa, têm tudo, mas têm a fantasia de fazer algum tipo de coisa voltada para a pornografia. Eu já tive filhos de delegados, filhos de militar, filhos de médicos que fizeram filme. São pessoas escolarizadas até. Muitos fazem educação física, fazem direito, fazem administração, jornalismo.

Essa categoria se confundiria com aquela que ele chama de nível B elevado. O nível B, por sua vez, seria composto por aqueles

que têm família, mas muitos estão desempregados e vendem o corpo para ajudar nas despesas da casa. São pessoas que moram mais afastadas do Centro, aqui em São Paulo. Muitos homens têm família, mulher, têm filhos e fazem programa. No máximo, o grau de escolaridade é o Ensino Médio, quando terminado. São pessoas que vêm de fora, do Sul, do Nordeste, de Minas, do Centro-Oeste, do Noroeste. Elas chegam em São Paulo e a forma mais fácil de ganhar dinheiro é com o corpo. Aqui, você encontra pessoas que te pagam R\$ 10, como também encontra pessoas que te pagam R\$ 30, R\$ 40, até R\$ 1 mil por programa. Olha, tem garotos de programa desse nível B que ganham por mês, em média, de R\$ 6 mil a R\$ 8 mil, ganham mais do que eu. Esse pessoal está aí pra... como eles mesmos falam: "Zilio, nós estamos na vida é pra satisfazer as pessoas. O prazer custa caro, gozar custa caro." Isso o público gay. No caso das garotas de programa nível B, elas ganham muito mais do que isso. Você vê

que a maioria delas tem uma estrutura, tem uma vida boa. Elas moram bem, se vestem bem e comem bem, diferente dos michês que moram mal, comem mal, vivem mal.

As pessoas que exercem prostituição de rua estariam, para Zilio, incluídas no nível C:

Nível C seriam as pessoas que não têm nenhum tipo de cultura, nenhum tipo de leitura. São induzidas a praticar sexo por um valor muito baixo; geralmente começam na adolescência, entre 13 e 16 anos; ficam na rua porque aparecem umas pessoas mais maduras que oferecem um valor de R\$ 30, R\$ 40, R\$ 20 pra esses garotos, pra transar com eles. O nível C chega pra procurar cena mais do que o nível B, porque ficam deslumbrados com aquilo que a gente passa, não é muito, mas, nas atuais conjunturas, eles ficam deslumbrados. No nível C tem mais homem, mulher você encontra, mas travesti no nível C eu não procuro. Tem travesti no pornô no nível A. São finas, elegantes, bonitas, esclarecidas, ótimas pessoas, estão bem financeiramente. O nível B são aquelas, digamos assim, não tão perfeitas, mas também têm boa aparência. E o nível C: são aquelas que chegam de viadinho, bichinha, que não têm definição se vão ser gay, se vão ser hétero, se vão ser mulher, estão naquela indefinição, viram aquelas bichinhas que você olha e vê homens vestidos de mulher. Fica aquela coisa torta.

Nesse depoimento, observa-se como o *nível*, no tocante às travestis, atravessa intimamente o gênero. Quanto mais bonita e mais mulher pareça uma boneca, mais ela se aproxima do nível A. Assim, a classe social deixa de ser exclusiva na demarcação da classificação e se emaranha na de gênero, tendo-se em mente que uma capacidade maior de consumo supõe, para as travestis, maior possibilidade de se construírem em relação ao feminino. Existe também uma visão recorrente sobre as pessoas que exercem a prostituição de rua relacionada ao estado de pauperização em que muitas se encontram, ora por pobreza, ora por estilos de vida e uso excessivo de álcool e drogas, motivos pelos quais escapam do perfil procurado para as filmagens. Nesses casos, é mais factível o recrutamento de homens do que de mulheres, já que nos filmes hétero elas configuram a imagem central e protagonista das cenas, das capas e de toda a publicidade, sendo elas que garantem, em

grande medida, o sucesso do material. Assim, por um lado, a aparência física é um critério essencial em todo recrutamento, e muitos agentes opinam que não é na rua que se encontram as maiores beldades. Por outro lado, existe nesse circuito um exímio cuidado em se manter “sadia” a indústria, sendo diversos os métodos e técnicas de vigilância.

O recrutamento das atrizes precisa sempre de investimentos maiores. Um dos métodos mais utilizados no começo da indústria consistia em colocar anúncio em jornais: “Procura-se modelo”, “Procura-se moça de boa aparência para trabalho como modelo.” Essa estratégia não foi completamente descartada, apesar de ser a menos utilizada atualmente. É, na verdade, o método menos eficaz, pois, em geral, as pessoas que se apresentam à convocatória não cumprem os requisitos desejados pelos produtores. Segundo comentam, suas experiências com o recrutamento por meio dos jornais têm demonstrado que grande parte das pessoas que se candidatam poderia encaixar-se naquilo que Zilio classificou como nível C. Ou então são indivíduos com grande curiosidade em experimentar esse universo, mas que não têm qualquer relação com a indústria do sexo, motivo pelo qual não cultivam o cuidado com o corpo exigido pelo mercado pornô.

Além da rua e dos jornais, existe ainda um terceiro contexto de recrutamento.

Saunas

Chamarei de *saunas* aqueles locais comerciais do mercado sexual que possuem efetivamente o serviço de banhos, a vapor ou seco, hidromassagens ou similares. Essa explicação se justifica na medida em que, nas redes pesquisadas, a palavra *sauna* confunde-se com a categoria *terma*. Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, um local comercial pode ser chamado de *terma*, mesmo sem disponibilizar efetivamente o serviço de saunas. Assim, alguns termos como *casa*, *termas*, *privês* e *boate* podem ser intercambiáveis entre si e apontar para um amplo leque de serviços sexuais. O nome genérico *termas* é utilizado comumente para denominar estabelecimentos dos mais variados.

Em São Paulo, os estabelecimentos que oferecem o serviço de saunas propriamente ditas estão voltados para o público masculino, e, em se tra-

tando de recrutamento para filmes pornô, o método das saunas é aplicado na procura de homens. Garotos de programa e outros rapazes que, em seu cotidiano, mantêm as mais diversas ocupações procuram clientes perambulando por termas de caráter gay.⁸ Há termas localizadas em diversos bairros da cidade, destacadamente em Vila Mariana, Brooklin, Pinheiros, Consolação e Centro, que, além das saunas, oferecem, entre seus serviços, piscina, salas de vídeo, salas de cinema, *sex shops*, salas de relax individual, suítes, *privês*, shows de *gogo boys*, shows de *drag queens*, academia, *dark room*, massagistas, área de estética (podólogos, cabeleireiros), salas de leitura, bar e exposição de garotos em vitrines. A diversidade da oferta e de estilos nesses lugares é valiosa para produtores e agentes que visam recrutar elenco masculino, sobretudo para filmes gay.

Já no Rio de Janeiro, o método das saunas é utilizado também para o recrutamento de elenco feminino, locais que se configuram como um mercado dirigido ao público heterossexual masculino. Nesse sentido, a experiência de Márcio é significativa. Ele concentra seus esforços em duas saunas localizadas na Zona Sul da cidade. A primeira, voltada para um público variado com primazia de turistas; a segunda, para um público local e de situação econômica confortável. A primeira é também um dos locais privilegiados de recrutamento de produtores americanos de pornô. Em ambas, a freguesia é exclusivamente masculina, com exceção de um dia na semana, reservado ao atendimento de casais.

Aí Márcio tem a possibilidade de conhecer e ver seminuas várias meninas ao mesmo tempo, podendo assim detalhar seus corpos e selecionar com maior facilidade as candidatas. Os perfis socioeconômicos e a bagagem cultural das moças nesses estabelecimentos são variados, mas ele observa que muitas procedem das camadas médias urbanas e, tal como as garotas de programa pesquisadas pela antropóloga Maria Dulce Gaspar na década de 80, várias delas possuem formação técnica e/ou universitária. Essas mulheres, com seu estilo “patricinha”, são altamente valorizadas no mercado pornô, motivo pelo qual Márcio dispensa saunas localizadas em outras regiões da cidade, o Centro especialmente, nas quais as moças, em sua maioria, segundo ele, não atendem a esse perfil. Além da beleza física, existe outro motivo que o leva a recrutar no local: as meninas das saunas estão habituadas a lidar com horários estritos de trabalho, disciplina valorizada nas jornadas de filmagens.

As saunas abrem suas portas à tarde. Márcio costuma chegar por volta das 15 horas, quando o movimento ainda é fraco e existem maiores probabilidades de conversar com as garotas à vontade, sem interrompê-las em seu trabalho e sem a velocidade exigida no recrutamento de rua. Depois de pagar o ingresso, como qualquer freguês, ele tira sua roupa, coloca-a no guarda-volume, veste um roupão e se dispõe a cumprir os demais rituais que organizam a interação. Sendo assim, desde o momento de sua chegada até as 18 horas, quando o local começa a “esquentar”, tem a possibilidade de olhar, eleger e “jogar a rede” nas preferidas. Nesses locais, a discrição é uma arma poderosa, explica. Ele procura guardar em segredo o objetivo de sua visita, especialmente dos donos e dos administradores do lugar, pois quanto menos pessoas souberem, maiores as possibilidades de obter sucesso no recrutamento.

A dinâmica das saunas facilita a negociação do cachê oferecido para a participação nas filmagens, pois, ao entrar como cliente, o recrutador consegue ter uma ideia do montante recebido pelas mulheres nesses locais, podendo, a partir desse cálculo, oferecer um valor atrativo. Márcio constatou em suas múltiplas visitas que R\$ 500 é o valor máximo aproximado que uma garota ganha em uma jornada de trabalho, o que significa algo em torno de R\$ 3 mil a R\$ 5 mil por mês, levando em conta que muitas delas não trabalham todos os dias. Sendo assim, ele costuma oferecer R\$ 1 mil por uma jornada de oito horas, tempo que procura utilizar na gravação de diversas cenas. Apesar de essa oferta se encaixar bem em relação aos preços usuais do mercado, a maioria das garotas recusa. Assim como com outros métodos de recrutamento, só algumas poucas se mostram interessadas e concretizam sua incursão no pornô. As saunas frequentadas por clientes endinheirados trazem prós e contras para o recrutamento. Se, por um lado, a estética das moças responde ao padrão procurado pelo mercado pornô, por outro, elas ganham suficientemente bem e conseguem atrair clientes exclusivos que pagam um programa fora desses estabelecimentos sem ser preciso sair do anonimato.

Existem redes entre Rio de Janeiro e São Paulo no que tange ao mercado sexual e a indústria pornográfica. Algumas garotas do pornô paulistano começaram sua trajetória em saunas cariocas, mas trocaram de cidade em busca de um mercado mais constante e organizado. É bastante comum re-

recrutadores paulistas procurarem as musas de seu elenco em redes de trabalho sexual no Rio. Alguns deles contam que as cariocas são muito desejadas para produções que têm os Estados Unidos como destino de venda. O japonês comenta:

Quando o mercado americano compra produtos brasileiros, eles querem diferença, eles não querem uma mulher parecida com a americana, então, gostam das meninas do Rio, principalmente por causa da marquinha do biquíni, da sensualidade da mulher carioca. Pode ser até meio cheinha, não precisa ser perfeita, se for assim meio fofuda, são as que mais vendem.

Um quarto método de recrutamento consiste em “sair à noite”, como veremos a seguir.

Boates, casas noturnas e *privês*

Existem inúmeras boates, clubes e casas noturnas em São Paulo, com modalidades e estilos diversos, aos quais os recrutadores comparecem em busca de elenco. Os favoritos encontram-se em zonas como Moema, Vila Mariana, Birapuera, Brooklin, em ruas paralelas e próximas à Augusta, que também desembocam na avenida Paulista, ou em regiões centrais próximas à praça Roosevelt.

Algumas boates recebem garotas e fregueses e sustentam um forte clima de “pegação”, mas não oferecem shows de strip-tease nem performances semelhantes. Nesses locais, os recrutadores circulam livremente, tendo a possibilidade de falar com as moças sem o habitual sigilo das saunas. Segundo suas experiências, nas boates é muito mais provável encontrar garotas que já participaram de produções pornô ou que poderiam estar interessadas em fazê-lo. Contudo, explicam, tais locais apresentam uma dificuldade em relação à seleção: por ficarem em geral na penumbra, os recrutadores não enxergam em detalhes os corpos das candidatas, mesmo que elas trajem roupas curtas, justas e sensuais. Por isso, quando elas se mostram interessadas, eles procuram vê-las nuas ou seminuas em fotos (muitas expõem suas fotos em sites para acompanhantes) ou pedem que lhes enviem esse material por e-mail. Não sendo possível, marcam um encontro em outro lugar, o local onde

mora a garota, por exemplo, para poder olhá-las melhor. Essa dificuldade atenua-se nas boates que oferecem shows, devido à maior iluminação.

Em muitos desses estabelecimentos, as redes de apoio ao recrutamento se estendem aos funcionários, proprietários e administradores dos locais, que podem pedir em troca uma comissão em dinheiro ou até a participação em uma cena.⁹ Existem casas noturnas às quais se dirigem algumas atrizes pornô para “trampar” (trabalhar), quando a rotina nos filmes está “fraca”. Esses locais proporcionam esquemas atrativos tanto para elas, em sua procura de clientes, quanto para a prática de recrutamento: o preço do ingresso para os clientes, majoritariamente homens, é de cerca de R\$ 50. As garotas não precisam pagar, pois são elas que garantem o público. Assim, não existe nenhum tipo de contrato entre elas e os donos do local. Existe, sim, uma rede de mulheres que comparecem várias noites por semana e que, recorrentemente, indicam outras para visitarem o local. A informalidade no acordo dispensa as garotas de entregar à casa uma porcentagem de seus ganhos e, de modo análogo, exime os donos de lhes pagar algum tipo de remuneração estável, o que leva, ao mesmo tempo, a uma renovação constante de garotas bastante valorizada pelos recrutadores. O preço relativamente alto do ingresso também delinea o perfil do local, garantindo que “as meninas tenham boa qualidade”, como me disse Barry.

Quanto maior o refinamento do lugar e mais alta a capacidade de consumo de seus clientes, maiores as possibilidades de se encontrar garotas estilo *patricinha*, nível A, ou nível B elevado, segundo as categorias de Zilio. Dentro das redes, existe uma casa que mantém laços estreitos com a produção de pornô. É reconhecida pelas pessoas do meio como a melhor pelo fato de atrair os clientes mais desejados: banqueiros, jogadores de futebol e empresários que não hesitam em pagar, no mínimo, R\$ 600 por um programa. Funciona sob um esquema que tem se mostrado bastante atrativo para muitas garotas, especialmente aquelas que se iniciam na prostituição e que, perseguindo novos estilos de vida ou em consequência do rompimento com a ética familiar, deixam suas casas. É também atraente para garotas que chegam em São Paulo provenientes de outras regiões do país. Muitas moças que trabalham na casa noturna moram no mesmo edifício, pois os andares superiores foram destinados, pelos donos, para apartamentos mobiliados que podem ser alugados a R\$ 600 por mês.

Esse local é reconhecido no circuito pela beleza física das mulheres que por ali circulam, muitas provenientes do Sul. Existe uma rede de circulação entre agenciadores de cidades do Sul, especialmente Porto Alegre, e donos de casas noturnas e produtores de pornô de São Paulo. Nessa casa, as louras gaúchas são maioria, estando no topo da preferência dos clientes. Marisa e Marcela me falaram pela primeira vez desse lugar. Trata-se de duas garotas que viajaram para São Paulo, saídas de Canoas e Pelotas, logo que um conhecido ator pornô, Robert – atualmente um importante recrutador –, as agenciou, colocando-as em contato com o dono da principal produtora nacional, que reserva um espaço considerável para as louras em seu *casting*. Depois de terem sido selecionadas por fotos, o empresário pagou as passagens de avião e a hospedagem de ambas durante os dias em que duraram as filmagens. Simultaneamente, Robert fez com que entrassem em contato com os donos da casa noturna e, em apenas três dias, elas já tinham definido os detalhes de sua mudança definitiva para São Paulo, sua moradia e o esquema de trabalho. Marisa conta:

Vale a pena porque, veja só, Robert diz que o dono lá é um cara muito bem contatado; isso é bom para a gente porque tem mais cliente. Aí, eu trabalho das sete até uma hora. Fico com a metade [do valor] do programa e a outra metade dou pra eles. Dá pra ganhar bem. Tem muito cara rico indo lá. Aí eu moro ali. Tenho que pagar, mas compensa porque dá pra pagar. Numa semana, volto pra cá pra ficar, assim não perco cenas, porque, se me chamam pra gravar, estou aqui.

Não são poucas as garotas que começam sua trajetória no mundo dos programas nessa casa noturna, estimuladas pela qualidade do lugar e dos clientes e pelas vantagens em relação à moradia. No entanto, como o regulamento do prédio proíbe atender clientes no apartamento fora do horário de trabalho, algumas moças decidem continuar *trampando* ali à noite, mas abandonam o esquema de moradia, partindo em busca de flats nos quais possam fazer programas nos horários desejados, longe da mediação e do agenciamento dos donos e da obrigação de dividir o rendimento. Boates de alto prestígio econômico como essa apresentam uma particularidade interessante: com frequência, os clientes solicitam a seus proprietários que atrizes pornô des-

tacadas no mercado façam *shows de dança erótica*. Nesses casos, agencia-se a presença delas pagando-lhes *cachês especiais*. Muitas garotas que trabalham no pornô alternam essa atividade com *shows de strip-tease* em clubes noturnos. Há, em resumo, uma forte e estreita rede entre a dança, os filmes e os programas, ligação que aciona possibilidades-chave para a prática do recrutamento. Muitas moças começam como dançarinas e/ou garotas de programa e dali são recrutadas para filmes pornô. Mas o caminho contrário também é recorrente: muitas começam como atrizes, sendo posteriormente recrutadas pelos donos dos clubes e boates ou ainda indicadas por outras moças para trabalhar como dançarinas ou fazer programas. Uma vez estabelecida a proximidade com uma das redes, fica aberto o caminho para a incursão nos outros circuitos da indústria erótica.

Em geral, o recrutamento de mulheres em bares, clubes e casas noturnas é um dos métodos mais eficazes e utilizados. Porém, alguns recrutadores manifestam ressalvas. Segundo Márcio, o estilo de vida noturno e “desordeiro” das garotas que trabalham nesses locais pode ser contraproducente quanto ao cumprimento dos horários das filmagens, geralmente diurnos.

No caso dos rapazes, por sua vez, existem em São Paulo diversos locais privilegiados para o recrutamento de atores que também possuem um esquema de moradia para os garotos que ali trabalham na atenção aos clientes. Tais ambientes são chamados de *privês*.^{*} Durante a pesquisa, aproximei-me de dois *privês* localizados no Centro, em *regiões morais*¹⁰ nas quais moram e trabalham no mercado sexual jovens de idades, cor de pele, procedências geográficas e trajetórias diversas. Um desses *privês* cultivava uma ampla proximidade com as redes de produção pornô, por intermédio de seu proprietário, Sérgio, um homem de 41 anos que, nos últimos dez, tem se dedicado ao agenciamento de garotos de programa.

O local abriga cerca de 20 rapazes, número flutuante em função de suas extremas mobilidades. Eles são incluídos, por meio de nomes fictícios (como no pornô), em um catálogo fotográfico que exhibe suas formas e descreve detalhadamente seus aspectos físicos (altura, peso, cor do cabelo, tom da pele, tamanho do pênis ou *dote* e preferências sexuais). O *privê* fica com 50% do

* Chama-se também “*privê*” às casas que contam com cômodos para o sexo entre clientes e garotos ou garotas.

valor do programa e a outra metade permanece com os rapazes. Os valores cobrados pelos homens nos circuitos da prostituição são consideravelmente menores que os praticados pelas garotas de programa, questão que se repete no pornô, um dos poucos âmbitos na nossa sociedade no qual as mulheres recebem melhor remuneração que os homens.

Os *privês* oferecem bons resultados no recrutamento de elenco masculino, *lolitos* em sua maioria. Os filmes proporcionam aos rapazes um ganho maior em menor tempo e a liberdade de transitar por outros espaços além do *privê*. Existem proprietários que procuram afastar os recrutadores, pois sabem que, para o local, uma proposta de trabalho pode significar a despedida parcial ou definitiva do rapaz. No entanto, há indivíduos, como Sérgio, que têm expandido suas fronteiras de atuação em direção a outras modalidades de agenciamento de garotos. Por um lado, ele organiza encontros entre “seus” rapazes e os clientes que desejam realizar um programa em espaços distintos dos oferecidos no *privê*. Por outro, encarrega-se pessoalmente de intermediar a participação dos garotos em filmagens. Nesse caso, os recrutadores se dirigem a ele diretamente para informar-se sobre as “novidades”, ou ele mesmo os procura de tempos em tempos para divulgar e oferecer seus apadrinhados, mediante fotos e descrições minuciosas. Em ambos os casos, Sérgio estabelece uma divisão do pagamento em percentagens iguais, de 50% para cada, e libera os rapazes de seu horário rigoroso no *privê* para que possam cumprir os itinerários pautados por clientes ou por produtores de pornô.

Sérgio não pode, contudo, ser enquadrado como recrutador. Existe um diferencial entre seu ofício e aquele que exercem pessoas como Mauro, Márcio, Zílio, Vanessa e o Japonês. Estes são agentes de elenco para filmes, e desde que os recrutados tenham mais de 18 anos, seu trabalho permanece na legalidade. O pornô é uma indústria cinematográfica que, mesmo estigmatizada por se basear na exposição de um sexo explícito, cru para alguns, funciona dentro de parâmetros lícitos. Sérgio, ao contrário, agencia pessoas para a prostituição e lucra com isso, recaindo assim no delito do proxenetismo. Por sua vez, quando agencia garotos para o pornô, sua identidade imediata muda para a de *mediador*, e o delito deixa de existir, apesar da comissão em dinheiro que recebe, já que a produção de pornô não é penalizada pelo Estado.¹¹

A maioria dos garotos recrutados em *privês* é encaminhada para produções gay, para o emergente mercado de filmes *bi* ou *bissexuais* ou para revistas e sites de mesmo caráter que também mantêm estreita ligação com o mundo das filmagens. Na busca por garotos para filmagens gay, os recrutadores também frequentam noitadas e boates de público homossexual, método que ainda oferece resultados favoráveis em relação ao recrutamento de travestis.

De modo similar ao que ocorre com as strippers, outro importante espaço para o recrutamento de rapazes são as boates que oferecem shows de *gogo dancers* ou *gogo boys*. Esses rapazes são requisitados no pornô porque, em geral, apresentam as características físicas louvadas tanto pela indústria hétero quanto pela gay.

Na atualidade, o método de recrutamento mais utilizado consiste na procura de garotas, bonecas e rapazes em sites para acompanhantes, como veremos a seguir.

Sites para acompanhantes

Entre os recrutadores que tive a oportunidade de acompanhar e que privilegiam esse mecanismo, destacam-se o Japonês, Vanessa e Barry. Eles fazem um apanhado das garotas, bonecas e rapazes pela internet, estudando suas fotografias e escolhendo aquelas que mais chamam a sua atenção. Além do recurso básico do olhar, recrutar dessa maneira exige um aprendizado direcionado à leitura de perfis, fotos e poses dos sujeitos que oferecem seus serviços em sites. É preciso, ainda, aprender a captar aquilo que está dito sem estar, o significado oculto de mensagens tácitas, veladas por trás de formas-chave de se apresentar.

Existem dois tipos de sites: os que cobram uma taxa mensal às pessoas que ali desejam expor suas fotografias e os que oferecem esse serviço de graça, cobrando unicamente dos assinantes que desejam assistir aos ensaios fotográficos completos, receber informações sobre as novidades, ver e baixar vídeos pornô, ler entrevistas e contos eróticos ou assistir a strip-teases interativos. Um recrutador experiente sabe de cor os nomes e links de cada site, o perfil socioeconômico de cada um e, por conseguinte, o perfil das pessoas que ali publicam. Os sites mais prestigiados e que cobram valor mais alto dos

assinantes e dos anunciantes expõem também mulheres, garotos e bonecas de um nível mais valorizado em termos de beleza e estilo.

A partir dos dados proporcionados por essa subentendida divisão, os recrutadores já sabem onde procurar, dependendo do tipo de pessoa que precisem, mas, especialmente, conforme a capacidade econômica da produtora. Isso não quer dizer que as pessoas mais bonitas e desejadas gravem somente para as produtoras de maior capital; na realidade, as coisas são muito mais “emaranhadas”: uma vez recrutada, é pouco provável que uma pessoa consiga trabalhar exclusivamente para uma única empresa. No Brasil, existem somente três produtoras que bancam contratos de exclusividade, majoritariamente para mulheres, por um período máximo de seis meses, enquanto travestis e homens são pouco (ou quase nada) contemplados com esse tipo de acordo. Assim, o valor do cachê que uma empresa oferece se vincula ao tipo de pessoa que se esforça por recrutar, privilegiando alguns sites em detrimento de outros. Aqueles que anunciam as “melhores” garotas têm como trunfo a beleza delas, mas essa aparente vantagem apresenta, ao mesmo tempo, uma grande dificuldade, já que o site se dirige a clientes de boa posição econômica que pagam entre R\$ 200 e R\$ 400 por um programa de uma hora de duração. Muitas dessas garotas realizam até quatro programas diários, representando um ganho substancial que, por sua vez, desestimula a participação em filmagens pornô, onde perdem o anonimato. Por outro lado, há nesse universo mulheres que interpretam a pornografia com base em valores não necessariamente análogos a suas expectativas sobre fazer programa. Erika, uma garota de programa “nível A”, me disse em entrevista:

Uma coisa é fazer programa e outra coisa muito diferente é fazer filme. No programa, você pega caras finos. Tem de tudo, mas me procuram caras legais, com dinheiro, que me convidam pra beber vinhos bons, dão presente e tal. Até hoje, graças a Deus, nunca peguei um cara sujo, sabe? Aqueles caras que você olha e fala: “Meu Deus do céu!” Tem um monte de cara que nem gosta de fazer sexo anal, porque é muito velho, e novo é que gosta de anal. Aí, eu ganho minha graninha fácil, sabe? Já no pornô, você tem que dar a cara de frente. É muito *hard* pro meu gosto. Eles te botam pra fazer qualquer coisa, tem esses filmes violentos em que a menina apanha pra caramba; enfiam de tudo no cu,

tem que transar até com traveco, ou tem que engolir a porra do cara. Em um programa, eu não faço isso de jeito nenhum. Nos filmes, meu, tem isso de não usar camisinha. De jeito nenhum! Esse negócio de exame, pra mim, não dá. No meu programa, o cara usa camisinha ou vai embora.

São diversos os motivos pelos quais as pessoas decidem não entrar no pornô e, como em todos os outros métodos de recrutamento, a principal dificuldade é enfrentada com relação às mulheres. Vanessa comenta que, em um mês de árduas tentativas nos sites, no máximo consegue recrutar duas garotas, enquanto “gay, hétero e boneca nascem no chão”. As pessoas da rede acreditam que a razão dessa disparidade deve-se ao fato de tanto os gays quanto as travestis já terem previamente afrontado suas famílias e a sociedade, motivo pelo qual “não teriam nada a perder” fazendo pornô. Quanto aos homens hétero, a eles são permitidas experimentações sexuais das mais variadas sem que isso afete negativamente sua imagem pública. Já para as mulheres, a transgressão às normas sociais ganha maiores dimensões: fazendo pornô elas passam a ser vistas como prostitutas e promíscuas, o que as coloca do lado oposto dos paradigmas aceitos de comportamento sexual e social.

Diante dessas dificuldades, os recrutadores estabelecem critérios de seleção no momento de escolher as pessoas nos sites. Eles sabem ler as mensagens implícitas nos anúncios e, dessa forma, estimar que sujeitos estariam mais dispostos a aceitar a proposta de ingressar nas produções. Por exemplo, se nas fotos expostas os rostos dos anunciantes aparecerem cobertos, isso é interpretado como um sinal explícito de que desejam proteger sua identidade e, portanto, não estão dispostos a fazer pornô. É notório que o resguardo da identidade nos sites acontece quase exclusivamente com as mulheres; em contraposição, o rosto das travestis é sempre abertamente mostrado, acontecendo o mesmo com os garotos, com pouquíssimas exceções.

Constatam também que, se o número de contato disponibilizado no site for de um telefone fixo, isso indica que o sujeito muito provavelmente trabalha sob a mediação de uma agência. De modo análogo, se o telefone de contato de diversos modelos for o mesmo, é também sinal de intervenção de agência.¹² Nesses casos, a maioria dos recrutadores descarta o contato com essas pessoas, visto que, em geral, os donos e administradores das agências

preferem não participar do processo de seleção de elenco, devido ao temor de não manter o controle sobre o cachê das garotas ou até mesmo perdê-las, se elas se deixarem seduzir pelas redes do pornô.

Além das fotografias, uma importante vantagem oferecida pelos sites para o recrutamento consiste na descrição dos “itens” corporais de cada anunciante. Ao clicar sobre a foto escolhida, o recrutador tem a oportunidade de detalhar, no caso das mulheres, as seguintes características: idade, busto, pés, altura, cintura, olhos, peso, quadril. No caso de homens e travestis, soma-se o tamanho do “dote” à mencionada descrição. Sites destinados ao público gay elaboram descrições minuciosas: medidas de bumbum, tórax e pernas e, em relação ao pênis, especificam-se o diâmetro e o comprimento. Esses dados são valiosos para o exercício do recrutamento: por exemplo, pode-se dar atenção especial às mulheres de quadril maior se o recrutador estiver em busca de elenco para um filme específico que enfatize penetrações anais ou para séries de “popozudas” ou “bundudas”.

Os sites exibem também dados relativos ao atendimento oferecido por cada sujeito, os quais são relevantes para o recrutamento, na medida em que informam sobre as práticas sexuais por eles exercidas. Tais dados não fazem referência a questões estantes sobre a sexualidade das pessoas, mas permitem ao recrutador ter uma primeira ideia sobre o desempenho erótico do indivíduo. Os anunciantes costumam especificar:

Local de atendimento: (próprio, do cliente, motéis)
 Atende: (homens, mulheres, casais)
 Com mulheres é: (ativo, passivo)
 Com homens é: (ativo, passivo)
 Completa [para as mulheres]: (sim, não)
 Aceita dotados [para travestis e garotos]: (sim, não)
 Beija na boca?: (sim, não. Mulheres, sim; homens, não, por exemplo)
 Fuma?: (sim, não)
 Sexo oral: (faz e recebe de homens; faz e recebe de mulheres; por exemplo)
 Especialidades: (usa acessórios, sadomasoquismo, atende *podólatras*, massagem)
 Idiomas: (inglês, espanhol)
 Disposição para viajar: (sim, não)

É justamente nessas respostas que residem certos códigos dissimulados de alto valor para o recrutamento. Vejamos alguns exemplos: embora 99,9% dos clientes de rapazes sejam homens, muitos dos garotos, másculos em sua maioria, tentam marcar um diferencial, deixando implícita sua preferência por mulheres e pela prática da atividade sexual. Assim, é comum encontrar no item “atende” respostas como: *mulheres, casais, duas ou mais mulheres*. No item seguinte, “com mulheres é”, aparecem como *ativos*, deixando sem resposta as duas questões posteriores: “com homens é” e “aceita dotados”, manifestando *fazer e receber de mulheres* no item “sexo oral”. Ao responderem que atendem casais, deixam subentendida a aceitação da participação de um homem em seus encontros sexuais. No entanto, tal consentimento aparece como derivado ou subterfúgio de uma relação preferencialmente heterossexual.

Os recrutadores costumam convocar esse tipo de garoto para filmes nos quais contracenariam com mulheres ou para aqueles de caráter gay nos quais exerceriam o papel de ativos sexuais. Nesse último caso, se o rapaz aceitar, a definição de outras características do desempenho no momento da transa, além da *atividade*, vai depender de conversas e negociações prévias à filmagem. Em resposta às exigências dos consumidores, os recrutadores de filmes gay apreciam rapazes que, diante das câmeras, demonstrem capacidade para exercer diversas performances, como comenta Zilio: “Para meus filmes, eu procuro homem *versátil* ou *ativo liberal*. Ativo liberal é aquele que beija, chupa, aceita todos os toques, só não faz o passivo. O *versátil* é aquele que faz tudo isso, mais o passivo.”

Grande parte dos atores pornô conhecidos e destacados no mercado de filmes hétero que anunciam nesses sites pertence a esse último perfil de atendimento. Isso deixa entrever a valorização, nesse mercado, da masculinidade e da virilidade e, de fato, do exercício da heterossexualidade, inclusive em contextos alheios ao mundo das produções. Outros garotos respondem que são *ativos com homens e mulheres*. Contudo, geralmente privilegiam a palavra “mulheres” no item “atende”, ressaltando também que oferecem atenção a mais de uma em cada intercurso. Quanto à atenção dispensada aos homens, a resposta é novamente evasiva e/ou velada. Reiteram ainda sua posição de atividade ao ressaltarem, majoritariamente, no item “sexo oral”: *faz e recebe de mulheres, recebe de homens*.

Por outro lado, quando os rapazes respondem que são *ativos e passivos* no item “com homem é”, logo em seguida costumam responder negativa ou afirmativamente à pergunta sobre se “aceitam dotados”. Assim mesmo, alguns rapazes dizem ser *ativos e passivos* com homens e mulheres fazendo sexo oral com ambos e recebendo. Para os recrutadores, esses dados são relevantes, na medida em que permitem listar garotos para atuar como *passivos sexuais* nos filmes, para performances de “troca-troca” ou para vídeos bissexuais. Outros garotos, ao contrário, informam que somente atendem a *homens e casais*. Nesses casos, quase sempre deixam sem resposta a questão “com mulheres é”. Alguns respondem que atendem somente homens. Nesses casos, em geral são *ativos e passivos*. Nos sites, poucos rapazes manifestam serem exclusivamente *passivos*. Todos esses tipos são também alvo de recrutamento para filmes gay para exercerem o papel de receptor no coito anal e/ou para ambas as posições.

As garotas de programa recebem uma clientela quase que apenas masculina, motivo pelo qual o serviço oferecido pelos sites tende a dirigir-se privilegiadamente a homens. No entanto, elas costumam oferecer seus serviços também a mulheres e casais, atuando como ativas e passivas em todos os casos. Esse dado é valorizado pelos recrutadores, pois indica que poderiam incluí-las nesse tipo de performance. Para os recrutadores, é importante ainda constatar nos sites que as meninas são “completas”, sendo o sexo anal uma prática amplamente valorizada no mercado pornô.

Nota-se também nos anunciantes o uso recorrente de sobrenomes ou apelidos para autodenominação que oferecem informações sobre suas procedências, aspectos físicos ou cor da pele e que funcionam como signos marcadores de diferenças que aumentam o capital simbólico do portador – relevante nesse contexto de negociação baseado em sexo, dinheiro e beleza. Em geral, são sobrenomes compatíveis com imaginários sociais relacionados a sexualidades e corpos desejados, tais como: “Gaúcho”, “Carioca”, “Black”, “Brown”, “Catarinense”, “Blond”. Nota-se ainda uma significativa ausência de nomes de homens com referência a uma possível ascendência japonesa – acredito que devido às ideias estigmatizadas sobre o pequeno tamanho de sua genitália –, assim como apelidos relacionados a outras regiões do país, por exemplo o Nordeste. O uso de nomes denotativos da procedência geográfica entre atores e atrizes guarda analogia com a frequente utilização

do sobrenome *Brasil* entre as travestis nacionais, funcionando como um marcador de diferença positivo entre elas e as travestis estrangeiras com relação a imaginários de sexualidade e exotismo.

É importante enfatizar que, para além dos fatores gênero, estilo e classe, também operam critérios de cor no processo de seleção de elenco. A maneira como impera efetivamente esse critério varia de acordo com o segmento do mercado, o olhar e as preferências particulares do recrutador, o tipo de filme que se deseja executar e o parâmetro estético mais geral da produtora.

No recrutamento de rapazes para filmes gay existem discursos explícitos sobre as performances de gênero e o estilo que se deseja no recrutado. Contudo, com relação à cor, pouco ou nada é dito, e esta permanece como um tema-chave, mas, ao mesmo tempo, velado. Ao longo da pesquisa, percebi o privilégio concedido à seleção de garotos de pele clara nesse segmento, o que me permite pensar na persistência de uma *branquidade* no pornô gay. No Brasil, são escassas as séries nas quais se apresenta sexo inter-racial ou entre negros no segmento gay. Por sua vez, os garotos de pele mais morena que são incluídos em filmes gay geralmente possuem feições mais próximas às do mulato do que do negro.

Os homens considerados pretos ou negros no mercado pornô são, ao contrário, cobiçados nos filmes heterossexuais. Existem empresas cujo elenco masculino é majoritariamente negro. Outras também privilegiam esses rapazes, sobretudo quando se trata de séries temáticas inter-raciais, ou *gang bangs* (filmes em que uma grande quantidade de homens transa ao mesmo tempo com uma única mulher, em geral loura). Os corpos dos homens negros no mercado pornô são simbolicamente associados a imaginários que falam de potência sexual, de virilidade, de tamanho, de extrema lascívia. É por conta desses qualificativos ou atributos que reside o interesse da indústria em recrutá-los. Muitas vezes, tais adjetivos são usados como eufemismos para remeter à cor, no caso dos negros, evidenciando assim a interseção das características no olhar do recrutamento: nesse caso, cor e estética imbricam-se com masculinidade.

Por sua vez, homens com feições que evidenciem a ascendência indígena ou japonesa são raros em ambos os segmentos do mercado. Já no caso das mulheres, as japonesas contam com grande aceitação. Diversas séries pornô são feitas somente com elas, várias de caráter inter-racial, incluindo

homens negros nas duplas. Além da renovação constante, o pornô hétero nacional tem como base fundamental a *variedade* no tocante às mulheres. Para responder aos diferentes gostos dos consumidores, os recrutadores incluem uma multiplicidade de corpos e cores. Assim, no recrutamento, são privilegiadas mulheres louras (preferencialmente de olhos claros, às vezes chamadas simplesmente de *gaúchas*), morenas (garotas de pele clara e cabelos escuros, próximas da estética “tipo latino”), orientais, ruivas e mulatas. Quando falo de mulatas, refiro-me a mulheres de pele de cor marrom e traços faciais que se afastam do nariz chato, dos lábios grossos e do cabelo frisado que caracterizam as pessoas negras. Quanto mais a mulher se aproximar das feições faciais brancas, conservando, porém, a cor marrom da pele, mais atrativa será para o mercado: para o olhar pornô o marrom é a “cor do desejo”, em relação também à histórica sexualização racial referida ao negro.

Finalmente, no caso das travestis, também se procura diversidade. Louras, morenas e mulatas conformam o repertório de possíveis recrutadas. É preciso ter em mente que muitas travestis de pele mais escura e feições mais próximas às do negro frequentemente transformam seu visual mediante o uso de longos cabelos loiros e de cirurgias faciais. Nesse segmento específico do mercado, cor, estética e beleza imbricam-se com a característica mais relevante para seu recrutamento: o gênero.

Além dos sites para acompanhante, alguns recrutadores fazem uso de outros meios virtuais, principalmente a rede de relacionamentos Orkut. A cada dia, é mais frequente encontrarmos nesse meio de comunicação convocatórias de elenco feitas por diretores de diferentes empresas, produtores americanos e diretores de vídeo amador. Esse método é pouco eficaz no recrutamento de mulheres – quase a totalidade de respostas a tais anúncios provém de rapazes.

Indicação

Alguns recrutadores ficam tão conhecidos na indústria que já não precisam triplicar seus esforços em busca de elenco novo. Os interessados em participar das produções agenciam por conta própria mecanismos para se inserir na rede, sendo indicados por outras pessoas do meio.

Geralmente, são as atrizes que costumam indicar outras mulheres, já que elas se movimentam por circuitos nos quais é possível encontrar garotas bonitas, no estilo das que o mercado procura: shows, boates, clubes noturnos, ou até mesmo espaços cotidianos e domésticos, como salões de cabeleireiro e academias de ginástica. Mesmo assim, as dificuldades no recrutamento feminino persistem. Via indicação é mais recorrente a chegada de garotas que nunca trabalharam no mercado sexual.

Também é comum uma travesti indicar outra. Segundo várias pessoas do mundo pornô, elas representam a comunidade que, dentro da indústria, conserva as maiores relações com o mercado internacional e entre as quais se evidenciam laços de grupo que passam pela solidariedade, pela transmissão de conhecimentos acerca do corpo e da sexualidade, pela comunicação de itinerários e contato com novos agentes e sujeitos ligados à produção de filmes.¹³ Por sua vez, a indicação de um homem por outro, especialmente para filmes hétero, é menos comum. Os atores hétero permanecem mais tempo dentro da indústria do pornô porque suas imagens são muito menos exploradas, um dos motivos pelos quais os mesmos rapazes continuam sendo convocados para gravar inúmeras cenas subsequentes sem que haja uma efetiva renovação. Outro motivo para a ausência de recrutamento masculino tem a ver com a própria estrutura da indústria: os produtos são elaborados em resposta às demandas do mercado e ao que é maciçamente consumido. Os homens não representam uma preocupação particular, já que, como dizem os produtores: “O homem não importa, o consumidor vai pela mulher.” Por outro lado, os homens duram mais no mercado também porque recrutadores, diretores e produtores têm receio de experimentar um novo garoto que, na “hora H”, venha a apresentar dificuldades para obter ou manter a ereção.

Por tais motivos, há um “comodismo” na indústria quanto ao recrutamento de rapazes que é diametralmente oposto à aceleração constante em busca de mulheres. No entanto, existe outra dinâmica de movimentação de homens na indústria que se coloca como contrapartida à imutabilidade do elenco masculino. Tenho mencionado que os rapazes são sempre alvos fáceis de todos os tipos de recrutamento, são “sexo de aluguel”, como ressalta Márcio. Tal facilidade lhes abre caminho para o ingresso no mercado, mesmo que de maneira absolutamente provisória. Muitos garotos chegam e, mesmo sem apresentar qualquer tipo de problema com a ereção, fazem uma, duas

ou até três cenas, ou participam uma única vez em uma *suruba* e, depois de “matar a curiosidade”, nunca mais voltam, ou retornam somente algum tempo depois. Muitos afirmam ter satisfeito um fetiche ou um “sonho”, seguindo o rumo de suas vidas sem afetar seus cotidianos. O anonimato não é tão aberta e intensamente desejado como no caso das garotas. Ao contrário, muitos fazem questão de viver essa experiência e depois narrá-la entre os grupos de amigos e conhecidos, especialmente entre outros homens, almejando reafirmar publicamente sua masculinidade. Alguns desses rapazes manifestam só sentir vergonha de falar de seu ofício para as mulheres que namoram. Outros comentam esconder particularmente de suas mães, compartilhando de forma mais tranquila o segredo com irmãos homens e pais.

Outra maneira típica de autoagenciamento para o ingresso nas redes pornô é exercida mediante a procura direta dos agentes. Algumas pessoas fazem o contato por e-mail, telefone ou caixa postal anunciados nas capas dos filmes, ou por meio da janela *fale conosco* dos sites das produtoras. A mesma experiência ocorre com diretores e agentes que têm seus próprios sites nos quais as pessoas escrevem com a intenção de fazer pornô, ficando por conta da avaliação das fotos a efetivação de algum tipo de acordo. Por fim, esse método é igualmente utilizado por produtoras que gravam filmes itinerando por outras cidades do Brasil com o intuito de arranjar elenco local.

Redes de moradia

Os recrutadores guardam estreita proximidade com as regiões da cidade nas quais habitam pessoas que já circulam pelas redes do pornô ou que podem ter maior predisposição para tanto. Tal proximidade é efetiva para o recrutamento. Em São Paulo, o território “mais quente” está localizado no Centro, majoritariamente nas imediações da região conhecida como Bexiga e da praça da República. Ali se encontram vários edifícios no estilo flat que alugam apartamentos mobiliados por temporadas a preços módicos e sem exigências complexas em relação à documentação e ao depósito de garantia. Neles mora um número representativo de atrizes, atores e bonecas do pornô, além dos que fazem programas mas não participam de filmagens. As pessoas são informadas por outros membros da rede sobre esses flats, localizados no Centro, lugar estratégico em relação aos trânsitos exigidos por seu trabalho

e que abrigam gente que lhes facilitará a inserção nos circuitos de produção de filmes, de revistas pornô e de programas. De fato, é ali, em suas próprias moradias, que elas costumam receber seus clientes.

Dois desses edifícios concentram o maior número de pessoas do meio e de redes que mantêm relações estreitas com o trabalho sexual. Um deles, conhecido como Edifício Circular, está localizado em uma zona privilegiada do Centro, por seu fácil acesso, do lado de uma boate que já foi pano de fundo de muitos recrutamentos, embora hoje seja vista, pelas pessoas do meio, como “um ambiente pesado”. O edifício concentra um alto número de kitinetes separadas entre si por um corredor estreito com aspecto decadente. Ali mora quem pode pagar adiantado o primeiro mês de aluguel, princípio básico e facilitador para o ingresso de numerosos trabalhadores sexuais, grande parte deles, de rua. As travestis são a maior população do edifício, seguida por garotos, muitos dos quais vêm de *privês*. Há uma mudança constante de pessoal, o que atesta a volatilidade de seus estilos de vida: as bonecas se despedem, muitas de partida para a Europa; alguns *boys* saem quando arranjam um namorado e voltam quando termina o namoro; outros “vazam” quando um cliente ou “patrocinador” os convida para viajar ou os instala em outra moradia; vários são expulsos por não pagarem o aluguel; muitos já entraram para morar ali sabendo tratar-se de algo temporário e, após reunirem algumas economias, procuram outros flats ou apartamentos; alguns tentam conservar distância das pessoas de seu próprio meio, saindo do flat na primeira oportunidade por acreditarem que este ostenta um ambiente “barra pesada”, chamado de *antro*, entre outros substantivos e adjetivos similares.

A grande afluência de bonecas parece ser o principal motivo de estigmatização do edifício por parte de seus próprios moradores. Mesmo em um lugar imantado de preconceitos, as travestis são as outsiders por excelência. No imaginário social, habitam a base de uma pirâmide vista como poluída, o que demonstra como esses universos, longe de serem desregrados e “carentes de moral”, recriam novos valores, hierarquias, normatividades e desigualdades.

O segundo edifício está localizado a cinco quarteirões dali, em uma região altamente movimentada, rodeada por estabelecimentos comerciais os mais diversos. Além de atores, atrizes, michês, travestis e garotas de

programa, abriga também famílias e pessoas de idade que moram sozinhas, muitas das quais são proprietárias de seus apartamentos. O valor dos aluguéis nesse flat é mais elevado e ele oferece mais serviços e comodidades do que o outro, não sendo, pois, um lugar de passagem. O pessoal que trabalha com sexo instala-se por longas temporadas, e as interações gestadas dentro dessa rede possuem conteúdos diversos que vão além do trabalho com o pornô e a prostituição, passando também por vínculos de afeto e solidariedade. Uma das maiores populações do flat é formada por garotas de programa e, em geral, com exceção de um grupo de michês, poucas exercem a prostituição de rua. Atores e atrizes que moram no Rio conservam vínculos com o edifício: costumam dividir, por exemplo, o aluguel com outra pessoa do meio para poderem ali instalar-se sempre que viajam a São Paulo para participar de filmagens, ensaios fotográficos ou trabalhos similares.

Tais características têm convertido esse flat em lugar privilegiado não somente para o recrutamento de pessoas que ainda não entraram no pornô, como também para o agenciamento rápido de elenco, quando “pinta” um filme da noite para o dia. Os recrutadores sabem que ali conseguem arranjar pessoal sem maiores contratempos e sua proximidade com esse núcleo viabiliza o cumprimento eficiente de sua função na produção de pornô. Cidinha, sabendo dessas vantagens, alugou um apartamento no prédio e o transformou em escritório de recrutamento. Nele recebe garotas, bonecas e *boys*, muitos dos quais moram no próprio edifício. Em sua casa, ela os entrevista, sistematiza os dados de cada um e recebe as fotos que todos lhe entregam, armazenando-as ordenadamente em um catálogo elaborado como álbum.

Casting e processo de seleção

Depois que saímos da filmagem de uma cena em um motel localizado na Zona Leste de São Paulo, Mauro me convidou para almoçar com Alex e Marcelo, respectivamente assistente e maquiador da produtora. Fomos para um restaurante na avenida São João e fiquei sabendo que seu escritório de recrutamento era ali. Quando estávamos na metade do almoço, um rapaz que me pareceu muito bonito aproximou-se de nós e perguntou: “Você é

o Mauro?” “Eu mesmo.” “Eu sou Bruno, a gente marcou pra se encontrar aqui.” Mauro lhe pediu que aguardasse alguns minutos enquanto terminava o que ainda restava em seu prato. Em voz baixa, disse, dirigindo-se a Alex e Marcelo: “É aquele ali, o que vocês acham?” Marcelo guardou silêncio. Alex, por sua vez, respondeu com certo desdém: “Vamos ver se dá.” Eu, embora não tivesse sido convocada a opinar, disse: “Bonito ele é.”

Em seguida, Mauro sentou-se no canto da mesa com o rapaz, perguntou-lhe a idade, a ocupação e a razão pela qual queria ser ator pornô. Bruno respondeu que tinha 26 anos, jogara futebol amador, mas sua carreira “não deu certo”. Disse ainda que tinha talento para atuar em filmes pornô porque sabia fazer sexo e gostava de fazer, trabalhando em boates e festas de swing* e de vez em quando em programa, além de adorar mulher. Mauro aceitou suas respostas com um ar amável mas desinteressado e, com um aperto de mão, convocou-o a se apresentar, no dia seguinte, num motel onde seria filmada mais uma cena de um filme hétero.

No dia seguinte, quando o rapaz chegou ao set, Mauro o convidou para acompanhar o ensaio fotográfico feito com o elenco antes de começar a cena. Nesse ensaio, o ator e a atriz iam tirando suas roupas aos poucos, enquanto posavam de maneira insinuante para a câmera. Bruno devia ter uma ereção olhando para a performance. Era aquilo que Mauro, como recrutador e diretor, esperava. O rapaz começou a acariciar sua genitália. Eu estava ao seu lado, carregando um dos faróis de iluminação, e ele fez alguns comentários no meu ouvido acerca da voluptuosidade do corpo da atriz, especialmente sobre sua bunda arredondada. Rapidamente, conseguiu ter o pênis completamente ereto. Mauro o observou sem pronunciar uma palavra.

Quando o ensaio fotográfico terminou, Mauro o chamou para o centro da sala, na verdade, a garagem do quarto do motel, onde foi improvisado o estúdio fotográfico. Em seguida, o fotografou várias vezes, pois era preciso saber como ele ficava em imagem. Ao finalizar, Mauro comentou, olhando para a tela de sua câmera digital: “Tem bom corpo, é, fica bom o corpo.” O garoto vestiu novamente as roupas, despediu-se da equipe de filmagem e

* Se originalmente as boates de swing tinham como fundamento a troca de casais, atualmente esses locais vêm se configurando também como espaços onde ocorrem transações sexuais mediadas por dinheiro, onde algumas pessoas fazem programas.

saiu do quarto. Perguntei se ele havia passado no teste. Mauro respondeu: “Tem bom corpo, mas o pau não dá, é pequeno.” Eu concordei em silêncio. O tamanho do pênis do rapaz, de mais ou menos 16 centímetros, seguindo meu “cálculo selvagem”, estava aquém das expectativas do mercado e do olhar especializado de Mauro. Contudo, Mauro não o descartou definitivamente. Pegou seus dados e disse para a equipe que o chamaria se precisasse de figurantes ou de elenco para um filme de muitos performers, tipo *suruba*.

Alguns dias depois, eu estava novamente junto com Mauro e sua equipe em outro motel da cidade. Dessa vez, a cena tinha como protagonistas uma conhecida travesti do mercado e um ator de destaque nos últimos tempos. O aspirante que Mauro aguardava chegou no decorrer da encenação. Enquanto a transa ocorria e os cameramen a registravam, Mauro foi ao encontro do rapaz. Perguntou-lhe o porquê de seu interesse em fazer pornô, o tamanho de seu “dote” e se possuía alguma experiência trabalhando com sexo. O rapaz, chamado Rodrigo, disse que era barman em São Carlos, que sua melhor amiga era atriz pornô e que, graças a ela, havia crescido seu interesse por esse ramo, por isso resolvera estabelecer contato. Disse também que nunca tinha trabalhado em nada que envolvesse sexo, mas que queria experimentar e aprender, e, fazendo uma piada, contou que nunca nenhuma mulher tinha reclamado de seu desempenho na cama.

Mauro respondeu que, desde que recebeu suas fotos por e-mail, ficara interessado, pois viu nele sensualidade e fotogenia. Depois disso, o rapaz precisava demonstrar sua capacidade de ter uma ereção perto de outras pessoas. Passou então a assistir à cena por trás da janela que nos separava dos performers. Eu estava perto dele. Ele acariciava seu pênis tentando atingir a excitação, mas não conseguia. Após alguns minutos, eu lhe perguntei se queria que eu, em particular, saísse do salão. Temia estar incomodando. Ele me respondeu então que, na verdade, não esperava ser obrigado a excitar-se olhando uma travesti, que isso era como – palavras suas – “esperar chocolate e receber feijão”. No entanto, disse que desejava ser profissional naquele momento, que a travesti era muito linda e que só precisava de concentração para erguer o genital. Quando conseguiu, a qualidade da ereção e o tamanho do pênis chamaram a atenção do diretor.

A ereção é o ponto-chave para o estabelecimento de uma carreira de ator pornô, por isso inúmeras pessoas desse mercado percebem como mais difícil

o desempenho do ator do que o da atriz, e como mais árdua a performance masculina do que a feminina, mesmo sendo a mulher que, na pornografia comercial, assume os maiores desafios em relação às práticas sexuais. Mauro o convocou para executar sua primeira cena poucos dias depois. Mas sua carreira não deslanchou. Ele fez apenas algumas cenas, já que seu desempenho não foi o esperado. De fato, o próprio garoto desistiu da profissão. Esse foi o primeiro e único rapaz que ingressou no elenco daquela prestigiada produtora para realizar filmes hétero durante todo o tempo que durou minha pesquisa. Outros novatos apareceram e, depois de testá-los, Mauro chamou alguns para atuar somente como figurantes ou para participar de uma orgia.

São raras as empresas que concentram esforços no recrutamento de rapazes hétero. Mauro, por pertencer à produtora de maior prestígio no mercado, é uma exceção. Ele é reconhecido como uma espécie de “caça talentos”, aquele que trabalha com as mulheres mais bonitas, que está rodeado do melhor elenco em termos de beleza e que sempre se preocupa em renová-lo. A capacidade econômica de sua produtora lhe permite recrutar dinamicamente e com maior efetividade, pois, sendo superiores os cachês que oferece – entre R\$ 1 mil e R\$ 1,5 por cena, para mulheres, e entre R\$ 800 e R\$ 1 mil para homens –, são maiores as possibilidades de seduzir os candidatos.

Quando as duas produtoras para as quais o Japonês trabalha abrem uma exceção e investem no recrutamento de rapazes hétero, utilizam uma técnica que visa à maximização do rendimento. Se o rapaz atinge a ereção, testam suas qualidades performáticas já gravando uma cena. Vai depender de seu desempenho ser ou não chamado novamente. Se sua performance não for positiva, o rapaz não será mais convocado e a cena captada no *casting* integrará um filme da categoria *amador*.

Os rapazes recrutados para filmes gay passam por um *casting* idêntico àquele feito por Mauro. O importante, nesses casos, é observar seus corpos, seu pênis e o registro diante das câmeras. As garotas e as travestis, por sua vez, difícilmente são submetidas a *casting*. Enquanto os homens devem demonstrar atitudes relacionadas à potência e à virilidade, para as mulheres e as bonecas são suficientes a beleza, a sensualidade e a disposição para filmar. No entanto, os diretores gostam de conhecê-las previamente, com a finalidade de olhar seus corpos e estilos e, desse modo, estabelecer o tipo de filmes para o qual podem ser encaminhadas.

Encontros em lugares públicos, como o bar da avenida São João que serve de escritório a Mauro, permitem que sejam vislumbradas as formas do corpo sob a roupa, os contornos, a cintura da candidata, e confirmar que não esteja acima do peso. Mauro lhes pergunta se possuem marcas na pele, como cicatrizes, manchas, estrias ou excesso de celulite. Para algumas produtoras, esse tipo de teste é suficiente. Outras empresas as encaminham para fotografias de corpo nu, ficando a decisão final por conta de seus proprietários. Tal rotina é dispensada quando a garota chega diretamente através de um agente ou recrutador. Nas travestis avalia-se também a sua feminilidade, esperando que também tenham sido bem-sucedidas no processo de transformação de seus corpos e gênero. Quanto mais parecerem “verdadeiras” mulheres, maior prestígio terão dentro das redes. Dependendo do tipo de filme e dos papéis sexuais, alguns diretores preocupam-se também com o tamanho do “dote” da travesti e com sua capacidade de atuar como penetradora. Se no filme a travesti for exclusivamente receptora no coito anal, esse fator perde relevância.

Em se tratando de mulheres, nas conversas que surgem no primeiro encontro, os produtores, diretores ou agentes perguntam o que estariam dispostas a fazer (ou não) na relação sexual. Espera-se que as candidatas demonstrem versatilidade. Assim, “excesso de frescura” – ou seja, ressalvas para fazer sexo anal ou oral, ou para permitir que a ejaculação do ator roce sua pele – é inaceitável. Márcio é talvez o único recrutador-diretor a defender que as mulheres devem ser submetidas a *casting*. Menciona que, sempre que tem a oportunidade, testa suas sensualidades mediante exercícios de teatro. Afirma também que, em sua metodologia, um critério importante de seleção consiste nas ideias que elas tenham a respeito da pornografia e de sua incursão nessa rede. É necessário, explica, que as candidatas acreditem que fazer filme é bom e que não tenham constrangimentos com relação a fazer sexo diante das câmeras para fins comerciais. Indaga-as também acerca de suas famílias, se são casadas, se têm parentes policiais, enfim, procura correr o menor risco possível.

Para concluir esta seção, desejo voltar a questões que apareceram ao longo da exposição: existem diferentes tipos de recrutadores. Tais diferenças residem no tipo de relação que o indivíduo possui com a produção de pornô, no nível de engajamento com essa indústria e no tamanho do prestí-

gio obtido com seu ofício. Com relação aos dois primeiros pontos, existem *mediadores de recrutamento*. Nesse grupo, estariam pessoas do circuito que servem de intermediários para o ingresso de um indivíduo no elenco: geralmente, outros atores e atrizes, donos de boates e *privês*, funcionários desses locais e fotógrafos de sites ou de revistas eróticas. Há também recrutadores locais e fotógrafos de sites ou de revistas eróticas. Há também recrutadores *ocasionais* ou *situacionais*: pessoas da rede que exercem outras funções na ação coletiva, mas às quais, em situações contingentes, se atribui o ofício de recrutar. Há, finalmente, *recrutadores fixos*, nos quais centrei a análise. Nesses casos, sua adesão ao pornô é maior, já que retiram seu sustento desse trabalho, assumindo essa ocupação como uma atividade constante ainda que participem da equipe praticando outras tarefas. São eles que obtêm prestígio, associado ao talento do *olhar expert* para perceber e “seduzir” o elenco desejado, prestígio obtido também por conta do tratamento oferecido aos indivíduos recrutados.

Por outro lado, há, como vimos, *segmentações no interior do mercado* operando um “jogo de hierarquias”: os recrutados são encaminhados para um ou outro tipo de filme dependendo de suas qualidades estéticas. Dessas últimas vai depender também o tipo de produtora que recrutará o candidato, assim como o cachê que lhe será oferecido. Pensar no recrutamento é pensar em um mercado circulante de beleza, aspecto que, nessa dinâmica, se une a outros, como: *sensualidade*, *carisma*, *versatilidade*, *estilo*, *cor*, *potência* e *virilidade* nos rapazes, *juventude* no caso de *lolitos* e *ninfetas* ou *passabilidade*,¹⁴ no caso das travestis.

Rituais pré-filmagem

Existem hoje quatro tipos de produtoras ativas na indústria pornô paulistana. A diferença entre elas determina a maneira como a produção de um filme é levada a cabo. Para fins explicativos, denomino-as *produtoras-empresas*, *produtoras-pessoas*, *empresas-distribuidoras* e *produtoras freelancers*. As primeiras atuam como um coletivo com papéis diferenciados e hierarquias em que os indivíduos desempenham suas funções de maneira mais ou menos estável e sistemática. Nas segundas, a maior parte das tarefas é realizada por um só indivíduo, que, além de ser o dono do negócio, atua como produ-

tor, diretor, fotógrafo, recrutador e distribuidor. As *empresas-distribuidoras* também produzem seus próprios filmes, mas, à diferença das *produtoras-empresas*, o fazem mediante contratos terceirizados e sem manter necessariamente funcionários fixos nem exclusivos. Em seu esquema de trabalho, as *empresas-distribuidoras* estabelecem uma ligação estável com equipes que se encarregam, por contrato, da produção do filme. Muitas dessas equipes que trabalham de forma terceirizada, mas com vínculos estáveis com as *empresas-distribuidoras*, atuam como produtores freelancers para outras redes do mercado pornô, sobretudo internacionais. Há também outros produtores freelancers que dispõem dos materiais e equipamentos necessários para a fabricação de um filme, mas que trabalham por encomenda eventual, nem sempre tendo a pornografia como seu principal ofício. Trataremos especialmente das três primeiras situações: as produtoras-empresas, as produtoras-pessoas e as empresas-distribuidoras.

A decisão de investir na realização de um novo filme provém dos donos das produtoras. Eles também decidem o estilo do trabalho e o orçamento que será destinado a tal fim. As ideias acerca de um tipo específico de imagem ou de cena advêm também frequentemente dos diretores. Em ambos os casos, proprietário e diretor reúnem-se para trocar opiniões e determinar, com rapidez, o rumo da produção.

O conhecimento dos resultados da distribuição proporciona às equipes um conjunto de ideias fixas para as produções, nelas implementando algumas variações temáticas ou cênicas. O Japonês fornece como exemplo:

A gente sabe o que vai dar certo. Por exemplo, mulher nova e, principalmente, menina com cara de ninfeta, isso é certeza que vende. Então, todas as produtoras têm filmes de ninfeta, de escolar, de menininha do shopping. Eles dizem o que é que vende e a gente faz, a gente vai inventando os ambientes para filmar ninfetas.

Na busca por ideias, a pornografia também imita de maneira paródica filmes convencionais de sucesso. Assim, *De olhos bem fechados* (de Stanley Kubrick), *Menina de ouro* (de Clint Eastwood), *300* (de Zack Snyder), ou *Kill Bill* (de Quentin Tarantino), entre muitos outros, têm servido de inspiração às narrativas do pornô nacional. Contudo, as temáticas para a produção

de um vídeo dependerão do estilo no qual o filme se insere. Existem dois tipos de linguagens utilizadas no pornô que exercem influência direta sobre as temáticas, ou mesmo dispensam o imperativo de se fazer uso de algum tema em específico. Atualmente, o estilo mais em voga no mercado pornô brasileiro é o denominado *gonzo*, no qual as quatro ou cinco transas que integram o filme não possuem nenhuma ligação entre si, não existindo, portanto, a obrigação de se criar para elas um tema em comum. Há, no entanto, gonzos feitos com uma ideia de fundo: cenas soltas de séries de *anal total*, ou cenas soltas exclusivamente com mulheres loiras, por exemplo. Esse estilo abre mão também de produções previstas com muita antecipação. Às vezes, os diretores recriam a cena no momento mesmo da filmagem, a partir do elenco do qual dispõem. Existem ainda filmes em que as cenas permanecem ligadas entre si a partir de um enredo comum e, embora expostas de maneira separada, fazem alusão às pessoas que participam da mesma situação e contexto – por exemplo, uma festa de aniversário na qual sucessivamente ocorrem várias transas.

Uma vez tomadas as decisões sobre o filme que será realizado, o diretor se dirige ao produtor. Em alguns casos, este é alguém que exerce outras funções na equipe, como a de fotógrafo (caso do Japonês), recrutador (Vanessa), ou mesmo diretor (Mauro, que se encarrega da produção quando os filmes contam com uma logística simples). Contudo, na ação coletiva, existem pessoas que exercem especificamente o papel de produtor. Dentre aqueles que conheci, destaca-se Sam, um homem de 44 anos que, paralelamente, atua como assessor de imprensa de sua produtora.

Em uma das minhas primeiras visitas a um set, acompanhei uma rápida reunião de pré-produção entre Sam e Mauro para um filme que deveria ser feito na semana seguinte, em praias do Guarujá (SP). O enredo, informou Mauro, consistiria em encontros sexuais em alto-mar entre marinheiros e lindas mulheres. Juntos, eles fizeram uma lista dos atores e atrizes que deveriam ser convocados e planejaram as duplas que contracenariam. Sam deveria alugar um barco e um lugar para a hospedagem da equipe, comprar óleos para a pele, alimentos para oferecer durante a jornada de trabalho e combinar com o motorista os horários de deslocamento desde São Paulo.

Terminada a reunião com Mauro, Sam começou imediatamente a ligar para cada pessoa do elenco, programou com cada ator e atriz os dias e ho-

rários das filmagens, explicando-lhes que era preciso pontualidade, pois necessitariam fazer cenas já às sete horas da manhã para aproveitar a luz. Tendo em vista que as filmagens não seriam feitas em um motel, solicitou-lhes que levassem seus próprios produtos de higiene pessoal, roupa de cama e, para os homens, um item obrigatório: sunga branca, que seria o figurino básico das cenas. Lembrou-lhes também uma condição obrigatória no caso de sua produtora: todos deveriam fazer o teste de HIV dois dias antes da filmagem. Depois de agendar todo o elenco, Sam passou a combinar com o cameraman a compra dos filtros que precisariam usar para gravar as cenas em plena luz do sol.

Esse tipo de produção não é extraordinário no pornô brasileiro. Várias empresas investem em filmagens em cenários abertos, como praias ou fazendas, onde alugam espaços durante dias consecutivos. Contudo, as produções mais corriqueiras são feitas em estúdios de filmagem e, sobretudo, em quartos de motel, sendo este o cenário “teatral” por excelência do pornô. Nesses casos, os produtores enfrentam menores desafios. Devem agendar o elenco, chamar o maquiador, comprar medicamentos para a ereção, lubrificante e, caso seja a práxis de sua empresa, camisinhas também. Devem ainda montar o figurino, o que grande parte das vezes consiste na compra de lingerie e acessórios, como brincos, pulseiras, colares e saltos, ou na seleção de peças dentro do estoque da empresa.

Vários produtores buscam pessoalmente, nos laboratórios clínicos, os resultados dos testes feitos pelo elenco para descartar ou detectar a presença de HIV em seu sangue. Outros ainda costumam acompanhar o elenco na busca do resultado do teste. Essa etapa é dispensada nas produtoras que não abrem mão da camisinha em suas performances. Quando esses passos são cumpridos, os produtores alugam uma suíte ou um quarto de motel, muitos dos quais mantêm parcerias com as empresas, integrando, dessa forma, a grande rede de produção.

As gravações acontecem quase sempre de manhã. Nesses dias, os produtores são os primeiros a chegar ao local, trazendo consigo todos os equipamentos necessários ao trabalho: aparelhos de iluminação e som, câmeras, tecidos e outras peças que servirão para decorar o ambiente. Eles escolhem a suíte que constituirá o set de filmagem, tendo o cuidado de que esta se ajuste a seus orçamentos e/ou às exigências estéticas do filme. Alugam também

outro quarto mais barato, quase sempre contíguo, onde acontecem outros preparativos prévios à filmagem.

Quando os motéis estão localizados na periferia de São Paulo, ou em sítios e fazendas, é comum o produtor utilizar o próprio carro ou uma van com um motorista contratado para este fim para buscar as pessoas do elenco em seus domicílios ou em algum ponto de encontro. Alguns desses pontos são recorrentes e reconhecidos por todas as pessoas que pertencem ou circulam pelas redes de produção de pornô paulistano, sendo mais usuais quando se trata de filmagens de multidões, como orgias, ou quando se prevê a gravação de numerosas cenas em um mesmo dia. Ninguém lembra quando ou como esses pontos de encontro começaram a se estabelecer e, no entanto, eles constituem lugares de reunião pré-filmagem desde o apogeu do pornô, em 2000, até hoje. O mais habitual fica só a alguns passos da praça da República, em uma área comercial em frente a uma boate frequentada por muitas pessoas desse circuito.

O pessoal técnico – cameraman, fotógrafos e lumino-técnicos – é, em geral, o segundo a chegar. De imediato, todos começam a trabalhar na montagem do cenário. Nesse momento, o set é invadido por um clima de agitação: vários homens vão de um lado para o outro instalando fios e colando-os às paredes com fita isolante, erguendo tripés e faróis, testando o som e trocando iluminadores de lugar até acharem a posição mais adequada. Paralelamente, o produtor, com a ajuda de algum assistente, decora o set, colocando panos de cores diversas, almofadas, flores, plantas e, às vezes, algumas peças de mobiliário. Os diretores também participam da correria. Mesmo delegando funções e reconhecendo o papel-chave do produtor nessa etapa do trabalho, acompanham de perto o processo de montagem dando opiniões.

O clima frenético é sempre acompanhado de uma atmosfera que só posso descrever como relaxada. Algo que percebi durante o ano e meio em que acompanhei produtoras pornô foi a existência de certa leveza e tranquilidade na execução do trabalho convivendo com a agilidade. Tal leveza transparece pelo tipo de relação que muitos mantêm entre si. Várias equipes são formadas por indivíduos que se conhecem e trabalham juntos há anos, conservando relações interpessoais estreitas e estando unidos por afetos, amizade e reciprocidades. Há entre eles uma troca constante de conhecimentos. Alguns começaram suas trajetórias nessas redes sem ter sequer

ideia do funcionamento dos equipamentos técnicos, mas foram aos poucos aprendendo, graças à instrução de um diretor, de um fotógrafo ou de um cameraman experiente.

A rede de pessoas que atuam nos bastidores do pornô é pequena, restrita, e todos se conhecem. Em cada uma das funções exercidas – direção, fotografia, produção, câmera e maquiagem – o número de pessoas pode ser contado com os dedos das mãos. Há diretores que trabalham exclusivamente para uma produtora, outros que se estabelecem em várias equipes ao mesmo tempo, e, finalmente, há alguns atores pornô que têm incursionado recente e esporadicamente no ofício de direção. Em relação ao resto da equipe, verifica-se uma ampla mobilidade: costumam circular entre uma produtora e outra, poucos se estabelecendo de maneira exclusiva em uma única empresa, muitos sendo contratados com certa frequência, mas como freelancers. A combinação entre mobilidade e instabilidade gera, ao mesmo tempo, vínculos abrangentes que se caracterizam pelo conhecimento dinâmico de um vasto número de pessoas que se engajam ou transitam pela rede.

Então, nas preliminares de uma filmagem, quando o pessoal técnico organiza o set, é frequente escutarmos conversas em tom pessoal, enquanto temas específicos de trabalho são discutidos. Certamente, o profundo conhecimento que as pessoas têm umas das outras, inclusive em relação a detalhes da vida íntima, abre caminhos para conversas com duplas intenções, intrigas e acusações que demonstram que, nas redes do pornô – como em qualquer rede social, independentemente do grau de proximidade e da qualidade da interação dos indivíduos que a integram –, há lugar para jogos de poder, concorrências e “puxadas de tapete”. Nesse sentido, ainda que em um clima relaxado, o set de filmagem opera também como um espaço no qual se disseminam informações que, como aponta o antropólogo britânico A.L. Epstein,¹⁵ cumprem a função de controlar os comportamentos dos indivíduos e reforçar as normas que regem a rede, especialmente quando as informações tomam os contornos de fofoca. Algumas delas, em tom acusatório, têm a capacidade de diminuir os campos de possibilidades do sujeito acusado e, inclusive, paralisar o curso de uma carreira.

Durante a montagem do set, o produtor, o diretor ou um assistente começa a preencher os contratos do elenco, nos quais as pessoas cedem direito total sobre o uso de sua imagem. Para fazê-lo, pedem que seja mostrada sua

carteira de identidade. Assim, escrevem nas folhas de papel o nome verdadeiro do sujeito (nos filmes se usam nomes artísticos), o número do RG e o CPF e o endereço atualizado. Dessa maneira, tem-se assegurada a maioridade de todos os envolvidos na produção. Levando em conta a ilegalidade da prática de filmar menores de idade, as empresas redobram cuidados para não cair na transgressão, pois a dinâmica contínua de renovação de elenco, que leva à fluidez e à expansão das redes, é interpretada pela produção como uma brecha que possibilita cometer erros nesse campo. Os produtores só são condescendentes quando trabalham com elenco conhecido e do qual já possuem previamente todos os dados. No entanto, cada vez que alguém novo aparece, a presença in loco do RG e a confirmação de sua veracidade determinam a participação ou não do sujeito na produção.

Imediatamente após o preenchimento do contrato, a pessoa é encaminhada ao fotógrafo, que tirará uma foto de seu rosto com a carteirinha de identidade à altura do pescoço. Em dias de filmagens gay, os produtores e/ou diretores mantêm conversas pré-filmagem com o elenco acerca dos papéis a serem desempenhados na transa. Se isso não tiver sido combinado durante o recrutamento, nesse momento se determina quem terá papel passivo e ativo na performance. Especifica-se, aliás, a que outro tipo de práticas os sujeitos costumam aderir, isto é, se são *liberais* ou *versáteis*, enfim, quais suas restrições e especialidades.

Paralelamente, no quarto contíguo, outro tipo de preparação tem lugar. Os produtores disponibilizam sanduíches, bolo, croissants, frutas, biscoitos, sucos, iogurte, queijo, pão, presunto, leite, café e geleia. Algumas produtoras solicitam o café da manhã oferecido pelo motel e, quando as filmagens se estendem, proporcionam também almoço para toda a equipe. Em geral, as *produtoras-pessoas* não oferecem alimentação no local, mas convidam o elenco para ir a um restaurante quando o expediente termina. Outras somente oferecem sanduíches e refrigerantes, dependendo da capacidade econômica da empresa. Aos olhos do elenco, o tipo de alimentação oferecido é também um marcador de prestígio que consegue positivar – ou ter efeito contrário – o capital de uma produtora em comparação a outras. Entre o pessoal da produção é comum que a alimentação modesta seja utilizada para se acusar algumas empresas de serem ruins e de proporcionarem tratamentos inadequados ao elenco.

Para atores, atrizes e travestis, receber uma boa alimentação é sinônimo de bom tratamento. Este, por sua vez, associa-se a um valor que atravessa de distintas formas suas visões de mundo e os sentidos como interpretam sua própria ocupação: o *respeito*. Pelo fato de grande parte deles atuar paralelamente como garotas e garotos de programa, possuem uma clara noção de que, ao trabalhar com sexo, colocam-se em um lugar estigmatizado, visto como contaminado e desviante. Desse lugar, apreciam e demandam um tratamento humanizado que desloque contingencialmente o espaço socialmente inferior que lhes é outorgado pela transgressão implícita cometida com seus ofícios às normas morais hegemônicas. Dessa forma, trabalhar em um set de filmagem que ofereça boa alimentação, tratamento pessoal delicado, boas roupas, maquiagem e um cachê aceitável significa, para muitos, deslocar o trabalho sexual de um “não lugar” ou um “mau lugar” e transpô-lo a um território de respeito, que se constrói como profissão e em que, mais do que “putas” e michês, as pessoas são reconhecidas como atores e atrizes.

Os diretores enfatizam a necessidade de que os atores estejam bem alimentados para se fortalecerem e potencializarem seu desempenho na transa. As atrizes também comem, mas geralmente em menor quantidade e escolhendo alimentos leves, cuidado que visa também a um melhor desempenho na cena. Em geral, as pessoas que atuam no pornô mantêm hábitos estritos com o corpo, pois sabem que de sua boa aparência e beleza dependem a qualidade de suas inserções, a permanência na indústria e a possibilidade de expandir os ganhos. Assim, associam rotinas cotidianas em academias com dietas, hábitos alimentícios saudáveis e tratamentos de beleza variados.

Mas, nas preliminares de uma filmagem, a distinção entre a alimentação de homens e mulheres guarda relação com um fator-chave: elas, por serem as receptoras do coito anal, precisam manter limpas as paredes internas dos intestinos e evitar alimentos fortes que possam estimular uma evacuação inesperada, o que se aplica igualmente a travestis e garotos que fazem o papel de passivos sexuais. A alimentação leve faz parte de uma das principais preparações para a cena; algumas mulheres, de fato, dispensam a comida antes da filmagem. Alguns homens, por sua vez, preferem beber somente uma vitamina ou alguma bebida energizante antes de gravar, argumentando que um excesso de alimentos pode causar enjoo no auge da performance.

No meio de toda essa preparação, o clima relaxado estende-se à interação entre atores e atrizes. Muitos mantêm relações de amizade para além das filmagens; outros se conhecem por já terem contracenado. Assim, enquanto alguns escutam música em seus iPods, outros dialogam sobre temas diversos, qualquer coisa sendo motivo para risos, piadas e conversas à toa. Travam-se também diálogos relacionados ao trabalho, nos quais os atores explicam uns aos outros procedimentos de tipo sexual úteis para o aperfeiçoamento de suas performances. É comum escutar uma atriz mais experiente explicando a uma novata técnicas para aprimorar o sexo anal, por exemplo, ou alertando-a acerca dos comportamentos que não deve protagonizar se quiser continuar no mercado. Às vezes, passam-se informações sobre boates, bares ou *privês* que estão precisando de pessoal e sobre a qualidade do trabalho nesses lugares; aonde se deve dirigir e aonde não; ou em quais produtoras pornô valeria a pena atuar, em detrimento de outras. Em resumo, o elenco também utiliza o set de filmagem como um espaço de transmissão de informações e aprendizados.

Há ainda duplas que aproveitam as preliminares para combinar os detalhes do desempenho diante das câmeras. Embora as posições sexuais estejam previamente demarcadas, as pessoas explicitam as maneiras como preferem fazer sexo e combinam que práticas e estilos excluir do roteiro sem transgredir modos predeterminados pelas convenções sexuais do mercado pornô. Por exemplo, algumas atrizes pedem a seus colegas de cena para não puxar-lhes o cabelo nem empurrar a cabeça com força no momento em que estiverem fazendo sexo oral, não lubrificar seus próprios pênis com saliva, não esbofeteá-las no rosto, ou não exagerar na rudeza durante as penetrações anais.

Uma das etapas-chave da preparação para a cena, que ocorre logo após a refeição, consiste no delicado e metódico ritual de higiene corporal ao qual se submete todo o elenco. Os rapazes que exercerão o papel de ativos sexuais, seja no filme hétero, gay ou travesti, tomam um banho prolongado, escovam os dentes, alguns usam refrescante bucal, passam perfumes, cremes na pele e gel no cabelo, detalhes que ficam ao gosto de cada um. Os diretores insistem na obrigação de se lavar copiosamente as axilas e, especialmente, o pênis, para que seja eliminado qualquer odor desagradável causado pelo suor ou pela urina. Testículos e virilha precisam estar evidentemente desbastados em

obediência à imagem pornô canônica, que cria um discurso sobre corpos e genitálias *perfeitos*, cujo objetivo visual consiste em que o tamanho do pênis pareça aumentado.

Alguns produtores observam de perto a pele do pênis, o prepúcio e o escroto para se assegurarem de que não haja feridas ou fendas pelas quais possa haver algum corrimento de sangue que prejudique a estética da cena e permita a transmissão de algum tipo de doença. Muitos mantêm esse cuidado mesmo quando na transa for usado preservativo, dispensado durante o sexo oral.

A higiene e a preparação de garotas, travestis e passivos sexuais é mais complexa. Trancados nos banheiros, a rotina começa geralmente com o uso de um supositório. Na maioria das vezes, esses medicamentos são proporcionados pela própria produção. Posteriormente, passam a fazer uso das “duchinhas”, isto é, enemas e compressores de água que lavam o canal interno do ânus com o fim de deixá-lo limpo e pronto para o sexo. Essa rotina é comumente denominada de “chuca”. Quando as filmagens são efetuadas em lugares que não oferecem as melhores condições logísticas ou em dias de gravação de multidões como orgias, é comum que as pessoas façam esse tipo de abluções em casa.

Tendo como campo de estudo o sexo entre rapazes, o comunicador social Vinícios Ribeiro analisa a “chuca” como um processo de *vaginização do ânus*, isto é, uma técnica útil para “eliminar todas as evidências da função biológica do órgão e constituí-lo como um órgão naturalmente voltado à prática sexual”.¹⁶ O autor comenta também o pânico que os sujeitos adeptos da prática têm de, caso esta não seja efetuada corretamente, trazer experiências desafortunadas no momento do coito. Entre as pessoas que fazem pornô, tal temor também existe. Os diretores sabem que as cenas em que porventura ocorram esses contratemplos terão de ser submetidas a uma edição apressada. Outra possibilidade é que seja novamente filmado o momento da cópula, ou, no pior dos casos, a cena será completamente descartada. As atrizes sentem vergonha quando isso ocorre, pois, embora seja considerado um acidente “perdoável” pelo coletivo, o fato pode ser interpretado como falta de profissionalismo.

Nessa rede de valores, percebe-se que a metódica assepsia empreendida pelos passivos ou receptores anais coloca em cena um discurso sobre o prazer, um prazer que deve ser *purificado*, como menciona Ribeiro, para que possa

ser localizado no espaço mais aceitável dentro do leque de práticas sexuais existentes, comercializadas pelos diferentes segmentos do mercado pornô. Em relação à higiene, as estéticas pornô se aproximam do *mainstream* ou o reafirmam, independentemente dos corpos que interagem na cópula, enunciando sua contraparte abjeta: o *scat* ou sexo no qual as fezes são o dispositivo do prazer. Surge então uma pergunta: nessas representações, quais as secreções aceitas e quais as espúrias?

Existem outros medicamentos de uso frequente entre aqueles que agem como passivos sexuais. No momento posterior à higiene íntima, algumas pessoas têm por hábito tomar um comprimido de relaxante muscular como Torsilax ou Dorflex. O objetivo desses remédios é tornar mais flexíveis as paredes, fibras e ligamentos que rodeiam o orifício anal para evitar dores e moléstias que possam ser prejudiciais ao desempenho pessoal e à performance. Mesmo atrizes, travestis e garotos experientes na prática fazem uso desses medicamentos, especialmente quando aquele com quem irão contracenar tem um genital de tamanho acima do habitual, quando a cena que será filmada pertence a uma série de penetrações exclusivamente anais – nas quais se valoriza um estilo mais forte na introdução do pênis – ou em séries que representam práticas sexuais violentas, como o estupro. Algumas pessoas seguem cuidados especiais, como ingerir um comprimido de Diasec ou outro remédio para segurar o intestino, além de untar o ânus com pomadas que contenham xilocaína. Certamente alguns que dominam as técnicas da prática dispensam o uso de qualquer relaxante muscular ou anestésico. Num momento posterior a tal rotina, há ainda quem empreenda, na intimidade do banheiro, exercícios de alongamento do orifício anal e do canal retal.

As garotas devem estar devidamente depiladas na zona da virilha, com a maior parte da zona pubiana ao descoberto, restando somente um pequeno grupo de pelos acima de onde começam os lábios vaginais, e com as pernas isentas de pelos ou com eles descolorados. Toda a rotina de lavagem e cuidados íntimos precede o banho. No caso de garotas e travestis, a lavagem do cabelo é uma regra. Eventualmente, quando aceitam participar de uma filmagem, apesar de estarem menstruadas, as garotas fazem uso da técnica que consiste na introdução de bolinhas de algodão pelo canal vaginal, de maneira suficientemente profunda para não atrapalhar a penetração e, ao mesmo tempo, a uma altura adequada que lhes permita extraí-las posteriormente.

Do outro lado do quarto, o maquiador da equipe estende seu equipamento sobre uma mesa. O diretor fornece instruções específicas quanto ao tipo de imagem que deseja projetar na atriz, a qual guarda uma relação direta com a ideia que guia a cena. O cabelo da mulher ou da travesti deve estar sempre solto e cheio de movimento, pois, para o olhar pornográfico, este é também um símbolo de beleza e sensualidade. Por isso é frequente que, quando elas têm o cabelo curto (coisa que raramente acontece), o maquiador lhes coloque apliques ou extensões artificiais ou, mesmo, uma peruca.

Quando sentam para serem maquiadas, tem início outra dinâmica que rompe com o clima de trabalho presente no set e com o pragmatismo do ritual de higiene. Das etapas pelas quais passa a atriz até chegar à cena, a maquiagem é um momento limiar. Nesse instante, rearranjam-se as etiquetas e os códigos de interação, operando-se uma transformação nos sujeitos em função da proximidade contextual que se estabelece entre eles, multiplicando os significados da experiência de se fazer pornô. Vários autores têm analisado os salões de beleza como espaços de catarse social, criação de vínculos afetivos e desafogo de segredos, fofocas e preocupações.¹⁷ No processo de produção de um filme pornô, esse papel social concedido ao cabeleireiro é reproduzido.

Sendo o set de filmagem um espaço voltado para a representação de um *self* público, no qual o corpo de atores e atrizes permanece nu diante das câmeras, ostentando uma sexualidade construída para o espetáculo, nas preliminares dá-se o contrário: especificamente na relação maquiador-garota, o que se coloca em cena é a sua contraparte, a intimidade. Enquanto se desenrola a rotina de embelezamento, estabelece-se um diálogo entre eles que pode atingir níveis emocionais profundos. Nesses momentos, as garotas costumam falar de suas vidas privadas: de seus namoros, de suas relações familiares, de seus projetos, de suas alegrias e tristezas.

Percebi durante minha pesquisa que o maquiador é uma espécie de “exorcista moderno” que possui a faculdade de escutar e trazer alívio, às vezes pronunciando palavras e conselhos oportunos, outras, simplesmente calando. Ele atua como um mediador, abrindo caminho para outra dimensão do contato; as demonstrações mais claras de afeto assumem significados concretos nesse momento-espácio da ação coletiva. Como no teatro ou em outras profissões que demandam a criação de um personagem para o palco,

a filmagem pornô é muitas vezes precedida por instantes de intimidade, concentração e desabafo das emoções.

A ressalva “muitas vezes”, acima, procura salientar que não é possível generalizar e estender a experiência à totalidade das relações estabelecidas entre maquiadores e atrizes. Apesar de o florescimento da intimidade constituir uma forte tendência nessa díade, há maquiadores que preferem guardar distância e explicitar a interação no plano estritamente profissional ou escolhendo com quem desejam estabelecer tal tipo de relação, assim como há garotas que não revelam a ninguém do set detalhes de sua vida particular.

Quando o maquiador termina de embelezar as atrizes, elas passam a experimentar os diversos figurinos que produtores e/ou diretores escolheram. Trata-se geralmente de lingerie, shorts pequenos ou vestidos ajustados e curtos que permitem uma boa exposição dos corpos, sendo insinuantes nas áreas dos seios, pernas e nádegas. Elas também experimentam bijuterias, botas e sapatos de salto. Há também diretores, como Arnaldo, que preferem fazer uso da roupa que a atriz esteja usando no dia, com o intuito de transmitir um ar cotidiano na representação. Ele opina que, para o consumidor, é muito instigante ver na tela, fazendo sexo, uma mulher bonita, vestida de uma maneira mais próxima daquela como se vestem as jovens no dia a dia, pois isso está mais perto das reais possibilidades do homem e, por isso mesmo, tem maior potencial de excitação. Dessa maneira, desloca-se o fetiche do raro ou eventual (mais comum no pornô) para o habitual ou prosaico.

Paralelamente, os atores vão complementando o ritual de preparação. Para tanto, não existe uma regra ou procedimento único, eles dominam várias técnicas e delas fazem uso arbitrariamente, ao longo de suas trajetórias, visando atingir o objetivo final: a ereção. Um dos métodos mais comuns consiste no consumo de uma “bala” de Viagra ou *smurf*, como vários deles se referem a esse medicamento, em analogia às criaturas azuis de um conhecido desenho animado. O comprimido pode não ser exatamente o Viagra, mas esse é o nome generalizado com o qual denominam qualquer cápsula que cumpra a função de causar uma ereção prolongada e propiciar o pronto apetite sexual. Algumas produtoras oferecem uma substância que se considera ainda mais efetiva: uma injeção aplicada diretamente no pênis

com uma seringa de agulha fina que causa uma ereção imediata. Usam-se Viagra e outros medicamentos potencializadores da capacidade viril para se ter certeza do efetivo desempenho dos atores e do bom curso da produção. O Japonês conta: "Antigamente, antes do Viagra, era complicado, mesmo os atores veteranos tinham seus problemas. Hoje, com Viagra, praticamente é certo que esses atores conhecidos não falham."

A rotina posterior ao uso do Viagra vai depender de cada ator. Alguns, com o pênis já completamente ereto, esperam pacientemente as indicações do diretor, fazendo carícias sobre o genital enquanto interagem com as pessoas da equipe. Outros submergem em momentos de concentração, deslocando-se para algum lugar do set onde possam permanecer relativamente calmos e solitários. Lembro-me com clareza da rotina de Marcus, um ator que, após ingerir um comprimido de Viagra, fechou-se no banheiro por longos minutos. O banheiro desse luxuoso motel tinha paredes de vidro que davam a impressão de se tratar de uma extensão do quarto e da sala de *jacuzzi*. Por isso, do lado de fora, era possível enxergar o que acontecia por trás da porta transparente. Marcus não era completamente novato. Nesse dia, gravaria sua oitava cena pornô. Contudo, seu nervosismo evidenciava-se nos movimentos circulares que fazia, caminhando no interior do pequeno espaço, agitando os braços como quem pretende relaxá-los e articulando algumas palavras em tom baixíssimo, o que dava a ideia de que poderia se tratar de uma prece. Depois de alguns minutos, quando o comprimido surtiu efeito, e ainda caminhando em sentido circular, Marcus submeteu-se a uma masturbação sistemática até receber o chamado do diretor. Ao sair dali, benzeu-se com a mão direita, desceu as escadas e começou a escutar atentamente as instruções do cameraman sobre a colocação do corpo em cena. Alguns meses depois, quando Marcus e eu tivemos a oportunidade de conversar, em um momento de dispersão no set de filmagem, ele me disse que sempre, antes de filmar, precisava de um momento de concentração no qual canalizava todas as suas energias para aquilo que estava por vir. Falou-me da dificuldade de se manter uma ereção mesmo depois do consumo do *smurf* por ser a excitação, na realidade, um estado mental.

Igor, um ator com trajetória de quatro anos no pornô, concorda com a necessidade de se atingir um estado de concentração pré-filmagem, mas sua rotina é distinta. Quando o momento da gravação da cena se aproxima, ele

prefere ligar a televisão e procurar um canal que esteja transmitindo filmes pornográficos, muito comuns em qualquer motel. Ele não se importa que alguém se aproxime, contanto que não fale em excesso. Observa em silêncio a cena de sexo e, alguns minutos depois, começa a se masturbar. Os movimentos nunca são ágeis e fortes, pois sua intenção não é ejacular, mas são suficientemente intensos para prolongar a excitação. Como Igor, existem outros atores que dispensam o uso de Viagra ou de qualquer outra substância similar no momento da preparação. Confiam em suas capacidades de obter um correto desempenho sem nada consumir e na experiência adquirida como atores pornô, e, alguns, como garotos de programa. No entanto, a produção mantém por perto o comprimido, caso venha a ser necessário.

Há também ocasiões em que ocorre uma química entre os membros do elenco ainda nas preliminares. Quando isso acontece, o ritual de paquera e "pegação" começa já na pré-filmagem, otimizando a preparação de ambos para a cena. Assim, beijos, toques, palavras e insinuações de caráter erótico originam um clima de desejo e criam uma expectativa pelo momento em que se consumará o encontro sexual.

Como mecanismo básico no preparo do corpo, sempre há masturbação. Há os que preferem assistir a filmes pornô enquanto aguardam; aqueles que se trancam no silêncio do banheiro para se concentrar; aqueles que lembram ou imaginam a figura de uma pessoa que desperte seu desejo; aqueles que se deleitam olhando para o corpo de seu parceiro de cena; ou ainda aqueles que procuram se garantir, desde o começo, ingerindo um comprimido. Seja como for, todos se masturbam para manter a disposição e, de fato, quem faz pornô reconhece os momentos em que a masturbação deve ser efetuada para viabilizar o cumprimento do objetivo, evitando procedimentos desafortunados ou atos inconclusos como uma ejaculação precoce, ou uma perda da ereção.

Reconhecem-se no set a importância e a pertinência da masturbação. Contudo, existe nas preliminares um momento adequado para fazê-la sem que se caia em comportamentos indesejáveis. Há normas tácitas sobre o uso do espaço e do tempo que antecede uma filmagem, e os transgressores dessas normas correm o risco de ser repreendidos por meio de gestos, olhares, advertências verbais ou afrontas. Em uma dada ocasião, eu me encontrava em um motel junto com oito garotos que, naquele dia, filmariam quatro

cenar para uma reconhecida produtora paulistana de filmes gay. Após o café da manhã, ainda havia tempo antes da rotina de higiene. Assim, gerou-se no quarto um clima de relaxamento e nos deitamos sobre a enorme cama redonda para falar sobre, literalmente, qualquer coisa que viesse à cabeça.

De um momento para o outro, Cadu, o único garoto que não interagiu com os demais, ligou a TV, procurou um filme pornô e aumentou o volume do aparelho de tal maneira que interferiu na conversa dos demais. Apesar do incômodo, ninguém disse nada. Pouco depois, o garoto abriu o zíper da bermuda e começou a acariciar o pênis. Um dos rapazes disse-lhe, então: “Troca esse canal, cara! Assiste outra coisa!”, mas Cadu fingiu não escutar. Outro acrescentou: “Bota uma música aí.” Também não obteve resposta. Diante dessa atitude, um terceiro rapaz comentou em voz baixa: “O cara é meio esquisito.” “Sim, a gente trabalha no sexo, tudo bem, mas não dá pra pensar nisso o tempo todo”, disse outro. E outro acrescentou: “Eu não assisto pornô nunca. É pra ficar maluco! Faço programa, faço pornô, não dá pra só ter sexo na cabeça.”

O garoto continuou acariciando-se sem dar atenção aos comentários, mas, ao menor descuido, um deles tomou o controle remoto e passou para um canal que transmitia vídeos musicais. Interessante perceber como, naquele exato momento, sua atitude o deslocou do registro de interação reconhecido e aceito pelo coletivo. A masturbação é básica no set de filmagem, mas quando feita fora do tempo reservado para ela, converte-se em um procedimento *não autorizado*, de acordo com a tipologia que o britânico J.L. Austin, filósofo da linguagem, criou para catalogar os procedimentos *desafortunados* em atos rituais.¹⁸

Outras atitudes realizadas fora do tempo e do lugar adequado conferem ao sujeito um status – contingente e situacional – de *outsider*: por exemplo, atores que desde o início das preliminares já pretendem acossar as atrizes, manifestando seus desejos e expressando comentários “sacanas”. Contudo, tal status pode ser passageiro por diversos motivos: quando quem as promove é uma pessoa novata que, tão logo domina os códigos, passa a comportar-se adequadamente; se o ato for cometido de maneira tão eventual que caia no esquecimento e seja pouco comentado; ou se o indivíduo estiver trabalhando para uma produtora que se omite com relação a tais comportamentos.¹⁹

Às vezes, no meio da preparação, algumas pessoas pedem uma bebida alcoólica e certos diretores consentem. O consumo de álcool no set de filmagem não é extraordinário, mas tampouco cotidiano. Vários diretores evitam seu uso entre os performers e, mesmo aqueles que não o dispensam completamente, cuidam para que não se caia no excesso, temendo um mau desempenho dos atores, confusões, bagunças e, com isso, a difamação da empresa dentro da rede. Alguns diretores comentam que é impossível dissimular as caretas e os gestos involuntários que atores ou atrizes fazem diante das câmeras quando gravam bêbados, afetando negativamente a estética do filme.

No entanto, correm boatos de que um diretor ou outro gosta de “enfiar bebida” no elenco para que façam uma boa cena. Os alvos favoritos dessas acusações são algumas produtoras americanas e outras nacionais que se dedicam à filmagem de práticas sexuais mais extremas, como a zoofilia. Nada pude confirmar a respeito. No caso das produtoras que acompanhei, quando se permitia o uso do álcool a alguém do elenco, fazia-se isso metodicamente, mediante o oferecimento de uma única dose, ou de doses medianas entre as quais se esperava um tempo razoável.

Em cenas convencionais, ou seja, quando se trata de uma transa em que duas pessoas contracenam, espera-se que o álcool permita descontrair os ânimos e deixar os corpos mais leves para a performance, possibilitando que o sexo aconteça naturalmente. No entanto, há filmes mais complexos que demandam do elenco uma disposição maior: as *gang bangs*, por exemplo, estéticas, como explicado anteriormente, em que uma única mulher faz sexo com diversos “garanhões” simultaneamente. Nessas, é comum que a atriz solicite à produção bebidas estimulantes, como Red Bull, em doses maiores e misturadas com vodca ou uísque. Aqui, a estratégia cumpre uma função preparatória física (como as vitaminas ingeridas por alguns atores nas preliminares) e o álcool as ajuda a relaxar corpo e mente. As únicas filmagens em que se consente um consumo maior de bebidas, inclusive já nas preliminares e mesmo diante das câmeras, são as orgias que representam o carnaval ou algum tipo de festa.

O uso de drogas, ao contrário, escapa do esquema de produção de todas as empresas que sistematicamente acompanhei. As equipes têm conhecimento sobre quem do elenco as utiliza, de que tipo e com que frequência,

mas existe um compromisso tácito de que o consumo deve ser efetuado em âmbitos alheios ao set. Apesar dos cuidados, por vezes acontecem experiências inconvenientes.

Quando o elenco fica pronto, é conduzido para o ensaio fotográfico. Se o filme for hétero, sempre começa com a mulher e é nela que recai a ênfase; se for um filme de travestis, o ensaio concentra-se exclusivamente na travesti e, caso se trate de um filme gay, os dois protagonistas ganham o mesmo destaque. Os fotógrafos improvisam o estúdio na garagem dos quartos de motel, ou utilizam como cenários os ambientes mais bonitos no interior do próprio quarto: a cama, a *jacuzzi*, a piscina ou as banheiras, por exemplo. Se o filme for hétero, nas primeiras tomadas as modelos posam para a câmara fazendo gestos simples, como sorrir colocando as mãos na cintura ou levantando muito sutilmente a saia para descobrir um pedacinho da perna. À medida que o ensaio fotográfico avança, os gestos e poses vão ficando cada vez mais sugestivos, as atrizes vão se despindo lentamente e revelando, aos poucos, as zonas do corpo que mais levam à excitação.

O ator entra no ensaio depois de a atriz já ter sido objeto de numerosas tomadas. Ele também veste roupas que deixam a descoberto algumas partes do corpo, o peito especialmente. Com a camisa desabotoada e já com o pênis ereto, interage com o corpo da atriz: abraçando-o, aproximando sua boca da dela, apertando-lhe a bunda e os seios, simulando para a câmara que os beija ou tirando, com parcimônia, as roupas que ela ainda estiver vestindo. Ela também o despoja de suas roupas, enquanto a lente capta a imagem, até que ambos finalmente estejam nus, mas nunca completamente: a mulher conserva as botas de couro ou os sapatos de salto alto e todos os enfeites que a adornam; alguns homens conservam bonés e óculos escuros. É frequente que, depois disso, o homem abandone o ensaio, o olhar da câmara novamente concentrando-se na mulher que, já nua, passa das poses insinuantes às completamente explícitas, como a exibição, direta e enfática, da vagina e do ânus. Os fotógrafos tiram mais de 100 fotografias, 200 até, às vezes mais.

No caso das travestis, o procedimento fotográfico é idêntico ao utilizado para as mulheres. Maquiadas e penteadas para a cena, elas começam os ensaios vestidas com lingerie e sapatos de salto alto, fazendo poses insinuantes nas quais se destacam as nádegas. No princípio, não são ativados signos que as diferenciem das atrizes. Ao contrário, as imagens iniciais procuram mos-

trar corpos belos e femininos, despindo-se da roupa sensual, associada ao feminino. Posteriormente, contudo, quando já foram tiradas fotos suficientes, o tom e a intenção das imagens mudam. Sem a calcinha de lingerie, o pênis descoberto passa a protagonizar a cena, tal como acontece nos ensaios dos rapazes. Seu genital, primeiro mole e depois ereto, concentra o olhar da câmara. Dessa maneira, a fotografia põe em cena a ambiguidade contida nos corpos que elas próprias definem como “outro tipo de mulher”, “101% mulheres”, “mulheres com algo a mais”, “verdadeiras fêmeas”, “fêmeas com vários centímetros a mais de satisfação”, anunciando para o consumidor os prazeres proporcionados por tal ambiguidade.

Nos pornôs mais comerciais, tais prazeres são pensados em termos duplos, baseando-se justamente na reiteração das disposições sexuais ativo/passivo. Assim, nas fotografias, os homens exibem o pênis ereto, expressando seu potencial ativo/penetrador; as mulheres fazem o mesmo com relação a seus corpos, com destaque para vaginas e ânus, anunciando seu papel passivo/penetrado; as travestis, por sua vez, anunciam com seus ânus e seu pênis ambos os seus potenciais sexuais, seus corpos desafiando os paradigmas sociais binários de gênero.

Os gestuais recorrentes utilizados pela pornografia têm como intenção *fazer gênero*. No pornô hétero, talvez como em nenhum outro, os sujeitos fazem uso repetidamente de signos corporais que colocam em cena marcas e estruturas normativas binárias do gênero e das relações sexuais. Se no sexo executado dentro do esquema pornô existe lugar para algumas transgressões dessa estrutura, o momento fotográfico, ao contrário, reitera as categorias e lembra que, nessa indústria, o gênero também se faz mediante a *repetição de atos estilizados*, parafraseando a filósofa americana Judith Butler.²⁰

No caso do ensaio gay, aquilo que as imagens desejam expressar depende do tipo de filme a ser feito. Por exemplo, em se tratando de *lolitos*, os gestuais dos rostos – especialmente nas fotos iniciais – chegam a insinuar ingenuidade ou “indiferença” para o sexo. Ao mesmo tempo, seus corpos definidos, que aos poucos vão ficando nus diante da câmara, evidenciam o potencial sexual dessa figura adolescente. Se forem rapazes que fazem o tipo “macho”, as expressões de ingenuidade já não são priorizadas, tampouco as lascivas. Em geral, os rostos ficam sérios, raramente exibindo sorrisos, a sensualidade sendo expressa basicamente a partir de olhares profundos. Em

ambos os casos, os gestos sugestivos e de prazer ficam para o momento do ensaio, durante o qual se masturbam.

Nesses ensaios, a exibição do corpo é central. Contudo, de modo distinto das fotografias dos homens do pornô hétero, o pênis não é, no pornô gay, o único protagonista da representação. Mesmo que se confira ênfase à genitália, as fotos também destacam abdome, braços, pernas, rostos e bunda em seu conjunto, tal como nas fotografias das mulheres. De fato, inúmeras vezes as fotos que a produção escolhe para as capas dos filmes são aquelas que retratam os garotos vestindo calças, deixando somente o peito e o rosto descobertos. Nesse mercado, a exposição da bunda é de grande importância, enquanto a do ator hétero chega a ser irrelevante. Sendo assim, os fotógrafos visam deleitar um consumidor que exige ter uma visão global do ator, o que permite, ao mesmo tempo, que sejam produzidos enunciados sobre os papéis sexuais ativo/passivo.

Alguns fotógrafos consideram mais desafiante trabalhar para filmes *bi* ou *bissexuais*. A imagem precisa ser uma expressão do tipo de corpos e de práticas sexuais contidas no filme, e o bissexual, justamente por não se ajustar a esquemas binários fechados, transgride a tradição fotográfica do pornô. Esse tipo é feito no Brasil, atualmente, por uma única empresa. A esse respeito, o Japonês explica:

O pior é fazer a foto da capa, porque se tem dois homens e uma mulher, pode parecer um filme hétero em que a mulher pega os dois e tem dupla penetração. Se são duas mulheres e um homem, pode parecer que o homem pega as duas. Então, se são dois homens e uma mulher, tem que ter interação entre os dois homens; eles têm que estar se pegando, o público tem que perceber que o filme é bi. Então, eu boto nas fotos um homem pegando a mulher e outro homem pegando esse homem. Se a dupla do mesmo sexo não se agarrar, o público não vai entender.

Na ação coletiva, a fotografia é de suma importância. Os destinos das imagens conectam a produção de pornô com outros segmentos da indústria do sexo. No set, a sessão de fotos cumpre a função de descontrair os corpos e diminuir a ansiedade dos performers, ajudando-os em seu processo de incorporação do personagem e, sobretudo, esquentando o clima entre o elenco.

Uma vez finalizada a sessão fotográfica, o elenco veste novamente suas roupas para passar à etapa final das preliminares: a gravação de um clipe. Nos filmes hétero, o clipe é feito exclusivamente com as mulheres; rapazes de filmes gay e travestis fazem-no também para as cenas que protagonizam. O clipe é uma introdução à própria cena, uma atuação que precede a transa. Nele, o performer tem a função de “convidar” o espectador a assistir ao que está por vir, dançando sensualmente diante da câmera, exibindo o corpo e chegando até mesmo à masturbação, no caso dos rapazes.

Há, no pornô, uma intenção deliberada de gerar efeito. Diversos diretores acreditam que seus produtos são feitos para um público *punheteiro* e, nesse sentido, a interação direta da atriz com o olho da câmera – que, na verdade, é o olho do espectador – tem como expectativa instigar os espectadores a fazer sexo, a masturbar-se ou, ao menos, imaginá-lo. Vários signos geradores de efeito são ativados no clipe como linguagem de sedução. Um deles consiste justamente no olhar direto da atriz para a câmera em sinal de provocação e cumplicidade.

Em algumas ocasiões, a dança converte-se em strip-tease. No clipe, a atriz tira lenta e sedutoramente sua minúscula roupa para, em seguida, iniciar a transa com o ator que a aguarda, impaciente. Para o sociólogo e semiólogo francês Roland Barthes, o strip-tease constitui uma narração que promete, ao final, o desnudamento de algo oculto: “O strip-tease é uma narrativa: desenvolve no tempo os termos de um código que é o do Enigma: promete-se desde o início a descoberta de um segredo.”²¹ O objetivo final da narrativa strip-tease no pornô é outro. Sua linguagem audiovisual diz tudo, mostra tudo, não cobiça ativar a imaginação, mas os atos. Essa é uma característica a partir da qual, com pontos de vista variados, diversos estudiosos têm analisado a diferença entre *hard-core* e *soft-core* e entre pornografia e aquilo que se convencionou chamar de *erótico*.

Por último, outros signos de grande relevância no pornô, presentes no clipe que inicia cada cena, têm a ver com o uso reiterado de um tipo específico de estética associada à sedução. Lingerie, sapatos de salto alto e botas de couro são os principais exemplos. A reiteração desse tipo específico de indumentária evidencia o profundo significado que possui para o momento pornográfico. Os saltos altos, por exemplo, explicam os diretores, têm como função empinar o corpo da mulher, especialmente pernas e bunda,

tornando-o mais esbelto e atrativo. Por esse motivo, insistem para que os cameramen se deitem no chão a fim de obterem tomadas de baixo para cima, detendo-se na filmagem minuciosa do sapato, o que deixa entrever seu caráter potencialmente excitante.

Diversos autores que têm dissertado sobre o valor conferido a esses objetos dentro da configuração pornográfica concordam com sua significação como *fetiches*. Para a feminista e especialista em estudos culturais Berkeley Kaite, adotando uma perspectiva próxima à da psicanálise, os objetos-fetichê utilizados pelas mulheres no pornô simulam, ao mesmo tempo, atributos de masculinidade e feminilidade, estando associados a uma espécie de dotação fálica da mulher. A seu ver, o sapato é um objeto que contém signos do desejo do outro: o salto alto conteria o ambivalente masculino/feminino e representaria, ao mesmo tempo, poder, agressividade e fragilidade. Assim, simbolizaria os dois polos: o falo (na figura do salto) e a vagina (onde se guarda o pé), construindo uma tensão entre ativo/passivo e fazendo fetichisticamente apologia a uma escritura andrógina do corpo.²²

Partindo de outra perspectiva, o cineasta e doutor em multimeios Nuno Cesar Abreu sustenta que tais estéticas reiterativas se encaixariam como exemplares de clichês (provavelmente *kitsch* ou de mau gosto) que se instituíram socialmente como provocadores de fantasias excitantes. Para ele, tais fetiches são “modos de tornar a nudez tão excessivamente exposta, ainda que incompleta”,²³ que, por sua vez, ajudariam na constituição dos personagens ou acabariam por funcionar, eles próprios, como personagens. Todavia, esses objetos-fetichê, especialmente sapatos de salto alto e unhas longas pintadas com cores fortes, compõem uma imagem agressiva e ousada da mulher.

Da mesma maneira que, no teatro ou em cerimônias religiosas, as máscaras e as fantasias possibilitam ao ator uma transformação, ou uma via para se converterem em um personagem, lingerie e roupas sugestivas contribuem, no pornô, para a incorporação da “figura dramática”.

2. TRANSA

Ação

Quando a gravação do clipe termina, um tom solene se apodera da locação. É o momento em que começa a interpretação dos personagens e no qual se materializa o trabalho até ali empreendido. Só o pessoal necessário permanece no set. O diretor, o cameraman, o fotógrafo e o técnico de som e luz localizam-se na parte *oculta* do cenário. Os performers colocam-se no palco. A lente da câmera divide o set simbolicamente em dois espaços: o *proscênio*, para os atores, e um novo *bastidor*, para aqueles que, mesmo estando ali, ficam atrás da cena.

O diretor dá as últimas instruções: “Bom, agora é com vocês. Vamos fazer três cenas de vaginal e três de anal. Quero uma transa bem gostosa, vocês já sabem como é.” Quando os performers têm pouca experiência, ele fornece instruções mais detalhadas. Explica a importância de fazer gestuais que evidenciem o prazer produzido pelo sexo, o tipo de expressões que devem pronunciar, a maneira como devem interagir e a importância de se manter a concentração. “Vocês têm que fazer com tesão”; “Fingir vocês podem, mas o ideal é que sintam o que estão fazendo. Não adianta ficar pensando que têm contas para pagar e fazer a cena à toa”; “Façam com desenvoltura, esqueçam o resto do mundo e fiquem à vontade”, dizem eles.

Para se ter ideia de como se transcorre a filmagem da transa propriamente dita, transcrevo a seguir um trecho do meu diário de campo em que registro uma filmagem realizada em 6 de novembro de 2006.

O ator a aguarda deitado na cama. Ela se aproxima e o beija; ele imediatamente afasta sua calcinha e começa a masturbá-la. Ela o despe. Primeiro, tira seu cinto, em seguida abre o zíper de sua calça jeans e a abaixa. O rapaz lambe os dedos com os quais a acariciava, beijam-se novamente. O fotógrafo acompanha o ato, posicionando-se em diferentes cantos dos bastidores para ir registrando a performance. O